



MUSEU DE ARTE DO RIO



CARYBÉ, *Embarcações com índios* (Embarkations with natives), 1965.
Óleo sobre madeira (Oil on wood) Governo do Estado do Rio de Janeiro | Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa | Fundação Anita Mantuano de Artes do Estado do Rio de Janeiro | Museu do Índia | Coleção (Collection) Banerj

O Ministério da Cidadania, a Prefeitura da Cidade do
Rio de Janeiro e a Secretaria Municipal de Cultura
apresentam



THE RIO OF NAVIGATORS

Curadoria *[Curatorship]*

EVANDRO SALLES

FERNANDA TERRA

MARCELO CAMPOS

POLLYANA QUINTELLA

Maio de 2019 — Março de 2020

May 2019 — March 2020



ANTES, O CÉU

Desde a mais longínqua antiguidade, em todas as culturas e civilizações, as estrelas do céu, com suas surpreendentes e delicadas transformações na medida do passar do tempo cósmico, são o instrumento maior de conhecimento do espaço onde vive e se movimenta o homem. Não há percepção correta e plena dos grandes movimentos na superfície da Terra sem o referencial astronômico. Não teria havido navegação nos mares sem o conhecimento das estrelas, sem a visão circular do céu mapeado pela localização infalível dos astros. Sem o complexo e sofisticado conhecimento do céu, não se desenhariam caminhos em um mundo feito apenas de água e horizonte. Verdadeiramente, a grande descoberta dos europeus na era das navegações não foi de terras e continentes, mas de um novo céu, aquele pontuado pelo Cruzeiro do Sul, aquele que cobre e revela um outro, um novo mundo, a partir de então invadido e subjugado.

Redizendo, então, o mais antigo ditado, aquele tomado pelo poeta (em) português:

Navegar é de extrema precisão, viver não.

ANTONIO DIAS, *Anywhere is my land*, 1968. Tinta acrílica sobre tela (Acrylic paint on canvas) Cortesia de (Courtesy of) Nina Dias, Rara Dias e Paola Chieregato





MARCOS BONISSON
 1. *Mararpex # 5*, 2011
 2. *Mararpex # 12*, 2009
 Fotografia digital -
 Pigmento mineral
 sobre papel algodão
 (Digital photography -
 Mineral pigment
 on cotton paper).
 Coleção (Collection)
 Marcos Bonisson

Um Rio de Janeiro desde sempre vocacionado para ser portal do Brasil é o que nos revela a exposição Rio dos Navegantes. Brasilidade e carioquice emergem deste profundo mergulho que o MAR nos proporciona em uma Baía de Guanabara de histórias seculares e estruturantes de uma cidade que é sinônimo de Brasil.

Porto de chegada de imigrantes e povos escravizados. Território de conflito com os povos indígenas. Porto de partida para uma cultura rica e complexa, que ainda hoje busca assimilar e entender tantos fluxos e influências, contrastes e encontros de povos, crenças e modos de viver.

A exposição reúne obras de arte, objetos históricos, documentos e fotografias para celebrar a história, mas também para valorizar a memória e provocar reflexões. A Prefeitura do Rio convida todos a embarcarem nesta viagem, única e desbravadora, que o Museu de Arte do Rio oferece, a partir de agora, aos seus visitantes.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DO RIO DE JANEIRO

O AMOR E O RIO

Agora, inauguramos nosso terceiro caminho, terceiro beijo soprado, terceira carta de amor, terceira exposição de motivos para chamar o Rio de Janeiro de cidade linda, maravilhosa, amada. E tudo veio com o amor do MAR por suas paisagens eternizadas nas aquarelas de Le Corbusier, por sua gente revelada nos óleos de Di Cavalcanti, por seu cotidiano transpirado nas fotografias de Kurt Klagsbrunn.

Primeiro, foi o *Rio de Imagens*. Ainda em 2013, quando o MAR renovou o cais e mostrou que nossa história é a de uma Guanabara que continua a ser inventada e que se mostra, baía, sempre estrategicamente capaz de favorecer a formação de uma cidade marco.

Depois, foi *O Rio do Samba*. Recentemente, em 2018, quando atabaques, violões e sopros vieram para explicar como a vida forjada no som e na ginga das gentes pode definir uma cidade trepidantemente maravilhosa.

Agora é *O Rio dos Navegantes*, em que vidas são contadas, descritas, sentidas.

Tudo para que, mais à frente, no entorno pulsante desta baía, deste lugar, e em sua periferia incansável, a história do Rio de Janeiro – porto e porta do Brasil – se torne ponto onde povos se cruzam e se encontram, local de conflitos armados e desarmados, paisagem de doces e lúdicas configurações de mitologias permanentes. Então, com o Rio de Janeiro ao alcance de nossos olhos e corações, poderemos cantar e dançar em homenagem à diversidade e à tolerância de uma cidade que só se sustenta na razão do amor.

Com vocês, fecha-se o círculo: **IMAGENS, SAMBA, NAVEGANTES**. Uma trilogia de paixão e respeito que o Odeon dedica ao MAR e ao Rio. Obrigado!

CARLOS GRADIM

Diretor-presidente do Instituto Odeon

MANUFATURA
GOBELINS (GOBELINS
MANUFACTORY)
O combate dos animais
– *A anta e a onça* (The
battle of the animals –
The tapir and the jaguar),
[1723-1730]. Tapeçaria
(Tapestry) MAR – Museu
de Arte do Rio | SMC
RJ | Fundo Fundação
Roberto Marinho





PEDRO DAVID
 1. *Coroa Austral*
 (The Southern Crown)
 2. *Cruzeiro do Sul*
 (The Southern Cross)
 3. *Triângulo Austral*
 (The Southern Triangle),
 2019. Fotografia
 digital impressa com
 pigmentos minerais
 em papel revestido de
 barita, pregos de aço e
 fio metalizado (Digital
 photography printed with
 mineral ink on barite-
 coated paper, steel nails
 and metallized wire).
 Coleção (Collection)
 Pedro David

NAVEGAR É PRECISO

É com imensa alegria que o Museu de Arte do Rio apresenta a sua nova exposição. Reunindo vasto material, fruto de extensa pesquisa desenvolvida por uma equipe de devotados profissionais das mais diversas áreas, *O Rio dos Navegantes* abrange um arco estendido de mais de cinco séculos, com obras das mais diversas faturas e abordagens, e desvela um Rio de Janeiro desconhecido em muitos aspectos.

Este panorama de fôlego, articulado por dez núcleos temáticos, contou com o olhar crítico e a sabedoria do historiador e professor Francisco Teixeira, que com paciência, bom humor e doses concentradas de generosidade, provocou e balizou os cortes históricos da mostra.

Rio como porto/porta de muitos, de inúmeros lugares de dentro e do mundo afora. Rio cidade generosa, de história inquietante em constante ebulição, de descobertas, releituras, de vasta produção enaltecida, de imagens deslumbrantes, de literatura laudatória, mas não só. Rio que anima a incessante e impressionante produção de estudos, ensaios, pesquisas que desvendam, por múltiplas vozes e olhares, o corpo, a alma, as chagas, as tragédias, as particularidades desta cidade-mito, que encanta e desencanta por suas intrincadas conformações de convivência, de exclusão e violência.

Mas o Rio, umbilicalmente ligado ao mar, é patrimônio nosso, é paisagem cultural do mundo, é um livro aberto, onde há muito por ser escrito, uma história sem fim à semelhança da galáxia poética de Haroldo de Campos:

“o mar é-se como o aberto de um livro aberto e esse aberto é o livro que ao mar reverte e o mar converte pois de mar se trata do mar que bate sua nata de espuma se eu lhe disser que o mar começa você dirá que ele cessa se eu lhe disser que ele avança você dirá que ele cansa se eu lhe disser que ele fala você dirá que ele cala e tudo será o mar e nada será o mar”.

O MAR, que traz em seu nome a sua cidade-sede, razão maior de sua existência, saúda os navegantes de todos os portos, culturas, crenças e formações, desejando que mais e mais visitantes aqui estejam, aportem e usufruam do patrimônio que é da sociedade, da população carioca. Bem-vindos sejam!

ELEONORA SANTA ROSA

Diretora executiva do MAR

RODRIGO ANDRADE, *Onda azul* (Daido Moriyama), da série *Bicromias* (Blue Wave – Daido Moriyama, from the Bichrome series), 2014. Óleo sobre tela sobre MDF (Oil on canvas on MDF) Coleção (Collection) Isabel Diegues



ARTISTAS NA EXPOSIÇÃO

A.A. Santos	Caetano Veloso	Evandro Teixeira	Hélios	Karl Linde	Nicolas Ozanne	Thierry Frères
A. Correa Costa	Carlito	Fábio Guimarães	Henricus Hondius	Katia Maciel	Nicolas Vallard	Thomas McLean
Acelino Sales Tui	Carvalhosa	Félix Bonfils	Henry Chamberlain	Kelvin Palmer	Orlando Teruz	Thomaz Farkas
Achille Isidore Gilbert	Carlos Adriano	Félix Taunay	Humberto Mauro	Rothier Duarte	Osmar Dillon	Tiago Sant'Ana
Ailton Krenak	Carlos Bippus	Filippone & Tornaghi	Iran do Espírito Santo	Kurt Klagsbrunn	Oswald de Andrade	Vasco
Alberto Botelho	Carlos Julião	Florianio Romano	Isidore Laurent Deroy	Lasar Segall	Oswaldo Goeldi	Virgínia de Medeiros
Aleijadinho	Carybé	Frederico Guilherme Briggs	Ivan Cardoso	Laura Vinci	[P. Ludwig; F. Briggs]	Walmor Corrêa
Alexandre Vogler	Casimiro Ramos Filho	Frei João de Santa Teresa	Ivan Grilo	Le Corbusier	[Paralyticos]	Walter Salles
Alfred Martinet	[Charles-Simon Pradier]	Frei Solano	Jaime Lauriano	Leila Danziger	Paula Trope	Wilton Montenegro
Aline Motta	Cildo Meireles	Friedrich Hagedorn	Jean Antoine	Lopo Homem	Paul Nadar	Wolf Reich
Almandrade	Cláudia Jaguaribe	Friedrich Salathé	Jean Baptiste Debret	Lorenz Fries	Pedro Bruno	Wuelyton Ferreira
Amelia da Silva Costa	Custódio Coimbra	Garcia Bento	Jean-Baptiste Isabey	Luis Bispo	Pedro David	Xavier das Conchas
André Thevet	Daniela Paoliello	George Hunt	João Goston	Luís dos Santos Vilhena	Pierre Verger	Zé Diabo
Ângelo Agostini	Daniel Lannes	George Leuzinger	João Massé	Luiz Baltar	Pieter Godfred Bertichen	Zeh Scherzer
Anísio Medeiros	De Nederlandse Rotogravure Maatschappij	Georg Grimm	Joaquim Lopes de Barros	Mahommah Gardo Baquaqua	Regina de Paula	
Anna Bella Geiger	Detanico & Lain	Georgina de Albuquerque	Joaquim Pedro de Andrade	Malu Fatorelli	René Duguay-Trouin	
Antonio Dias	Dimitri Ismailovitch	Giovanni Battista Castagneto	Joaquim Tenreiro	Marcel Gautherot	Renina Katz	
Antonio Luiz Ferreira	Diogo Andrews	Giuseppe Gianni	Johann Jacob Steinmann	Marc Ferrez	Robert Doisneau	
Antonio Parreiras	Edouard Manet	Glauber Rocha	Johann Moritz Rugendas	Marcos Bonisson	Rodrigo Andrade	
Arjan Martins	Eduard Hildebrandt	Grupo Ingarikó	John Graz	Maria de Andrade	Rogério Reis	
Arlindo Oliveira	Eduardo de Martino	Grupo Karajá	José Christiano Júnior	Martha Niklaus	Rosana Palazyan	
Armando Martins Viana	Eduardo Dias Nunes	Grupo Marubo	José Henrique Fonseca	Max Radiguet	Rosana Paulino	
Arno Malinovski	Eduardo Kac	Grupo Waiwái	[José I. Sampaio]	Mayana Redin	Rubem Valentim	
Arthur Bispo do Rosário	[Emydio Ribeiro]	Guga Ferraz	José Pancetti	[Mestre de Piranga]	Sabatier	
Arthur Timótheo da Costa	Estêvão Silva	Guignard	Juan Gutierrez	Mestre Valentim	Sergio Allevato	
Artur Barrio	Eugênio Latour	Gustavo Dall'Ara	Julio Bittencourt	Mohau Modisakeng	Sidney Amaral	
Augusto Malta	Eugênio Sigaud	Helio Eichbauer		Nelson Pereira dos Santos	Sol LeWitt	
Augustus Earle	Eustáquio Neves	[Heliog & Imp. Lemer cier]		[Mestre de Piranga]	Spode / Copland	
Ayrson Heráclito				Nicola Antonio Facchinetti	Tarsila do Amaral	
Belmiro de Almeida				Nicolas Antoine Taunay	Theodore de Bry	
					Théodore Gudin	

ARTISTAS COMISSIONADOS

ALINE MOTTA

Com imagens capturadas em Lagos (Nigéria), Cachoeira (Bahia) e no Rio de Janeiro, Aline Motta constrói uma narrativa em busca de suas raízes, fazendo crer que a identidade cultural e racial é um elemento em disputa. No vídeo *(Outros) fundamentos*, perspectivas pessoais são entrelaçadas com memórias coletivas, ambas atravessadas por um passado em comum, escravista.

CARLOS ADRIANO

No filme *MarMúrio*, Carlos Adriano cria uma colagem de imagens históricas em que a população do Rio de Janeiro do início do século XX observa a ressaca nas muradas do porto. A movimentação das pessoas desfaz a cena e nos atrai tanto pelo recuo no tempo, com imagens envelhecidas em sépia, quanto pela força do mar que avançava sobre a cidade. O murmúrio, então, se faz como imaginação, com cenas finalizadas pelos versos de Paulinho da Viola, “não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar”.

ALINE MOTTA, *(Outros) fundamentos* [detalhe] ([Other] Grounds [detail]), 2019. Vídeo (Video) | Duração (Length): variável (variable) | Coleção (Collection) Aline Motta

CARLOS ADRIANO, *MarMúrio* (Murmur), 2019. Vídeo (Video) | Duração (Length): 4'54". Coleção (Collection) Carlos Adriano



KATIA MACIEL

Katia Maciel se interessa em relacionar imagens e dispositivos de acesso a paisagens distintas, mares, matas, cidades. Em *Quebra-mar*, a artista cria certo jogo de observação em que a mesma cena, uma onda quebrando na praia, se repete em dez monitores de TV. Com isso, o tempo se divide e cria um efeito de quadro a quadro, como nas precursoras pesquisas em torno do movimento fílmico e fotográfico empreendidas por Eadweard Muybridge.

PEDRO DAVID

Em obras como *Coroa Austral*, *Cruzeiro do Sul*, *Triângulo Austral*, Pedro David fotografa constelações. A imagem que se apresenta cria certo sentido cósmico, em que a profundidade de campo se faz em planaridades. Porém, o artista reforça os desenhos estelares com agulhas e fios ressaltados da imagem. Percebemos, então, que lidamos com o infinito. Estrelas que foram nomeadas pelos povos originários e por europeus ganham desenhos quase figurativos. Desenhos que fizeram com que os invasores chegassem ao Novo Mundo.

REGINA DE PAULA

No filme *Teko Haw-Brasil*, acompanha-se uma performance em que o mapa do Brasil é desenhado no asfalto no entorno do prédio conhecido como Antigo Museu do Índio, onde se localiza a Aldeia Maracanã. O asfalto é retirado paulatinamente até restar apenas chão de terra, onde se inicia um ritual.

KATIA MACIEL, *Quebra-mar* (Sea-break), 2019.
Instalação (Installation).
Coleção (Collection)
Katia Maciel



REGINA DE PAULA E WILTON MONTENEGRO

A situação de grupos indígenas no contexto urbano ganha, cada vez mais, urgência. No filme *José/Urutau/Guajajara*, Regina de Paula e Wilton Montenegro convivem com grupos da Aldeia Maracanã, ocupação na área onde funcionou o antigo Museu do Índio e que se encontra ameaçada de desapropriação. No relato de José Guajajara, somos informados da gravidade da tensão que se impõe em um lugar visibilizado pela vizinhança do estádio do Maracanã e cobido por um poder público higienista.

ROMANO

A obra *Fui* ocupa a rampa de entrada da exposição. A monossílaba alongada pela voz cria uma sonoridade que só distinguimos ao final, no ditongo, e se assemelha ao som de uma chaminé de navio. Para a exposição, Romano captou sons do porto, criando relações entre o dentro e o fora ao trazer a paisagem sonora do entorno para o museu, criando um ambiente desestabilizador e ao mesmo tempo convidativo para os visitantes.

SUPERUBER

A língua indígena se tornou fragmentária, no Brasil, por genocídios de todo tipo. Em *Sem título*, a empresa Superuber destaca palavras corriqueiras e cotidianas em ruas, bairros e ambientes do Rio de Janeiro, cujas origens remontam ao tupi. Maracanã, Ipanema, Carioca são construídas em projeção tecnológica em que seus significados nos surpreendem e voltam a criar sentidos variados.

REGINA DE PAULA E
WILTON MONTENEGRO
José/Urutau/
Guajajara: 1. Ave
fantasma, 2019. Vídeo
[Duration]: 15'3". Roteiro
e direção assistente
[Script and direction
assistant]: Amanda
Devulsky. Edição de
imagem [Image editing]:
Rodrigo Lima e Lucas
Parente. Fotografia
[Photography]: Carlos
Fernando Macedo,
Dário Jurema Xukuru,
Fabiano Araruna, Marcus
Moura, Regina de Paula
e Wilton Montenegro.
Som direto [Direct
sound]: Vitor Kruter.
Coleção [Collection]
Regina de Paula e Wilton
Montenegro





SALA DE ENCONTRO
(MEETING ROOM)

O RIO DOS NAVEGANTES

São muitos os nomes com os quais se pode designar alguém em deslocamento entre países e continentes: viajante, imigrante, turista, refugiado, navegante... Cada um desses nomes traz um sentido distinto para a sua presença, sentido que pode mudar não só através dos tempos históricos, mas segundo a posição de quem nomeia, seu lugar social, econômico ou político. Refletir sobre a mobilidade de diferentes povos e a ocupação de diferentes lugares, hoje, é debruçar-se sobre estruturas, vicissitudes e agruras de um mundo onde atravessar fronteiras torna-se fato utópico e político, muitas vezes seletivamente proibido.

Considerada portal e caixa de ressonância para o Brasil, a cidade-porto do Rio de Janeiro, desde sua criação depois da invasão da Baía de Guanabara pelos portugueses, testemunhou e se constituiu por imigrações e migrações, forçadas ou voluntárias, invasões e confrontos que outrora traçaram e hoje traçam desenhos singulares na construção de sua paisagem física e humana. Povos escravizados, forçados a aqui permanecerem, ou povos que buscaram novas oportunidades de vida, todos trabalhadores submetidos aos processos históricos e políticos deste *lócus*, tornaram-se sujeitos fundamentais dos conflitos, tragédias e maravilhosos da construção identitária brasileira.

O Rio dos Navegantes, constituída como narrativa histórico-poética exposta a atravessamentos e transversalidades de diferentes vozes e tempos que se perpassam e se cruzam, conta e revela, por meio de um grande conjunto de obras históricas e contemporâneas, pinturas, esculturas, fotografias, objetos e documentos, parte de uma história coletada em vestígios e pedaços. Como toda tentativa de ampliar um arco de tempo em que são considerados seis séculos, incluindo os dois primeiros decênios do século XXI, as falhas e ausências de informação e iconografia fazem da exposição uma composição em bricolagem.

O Museu de Arte do Rio, em suas leituras da história da cidade, busca aprofundar seu projeto de se afirmar como observatório dos influxos de informação sobre o território, além de se abrir como espaço de expressão daqueles que constroem o patrimônio material e imaterial da arte e da cultura brasileiras.

Esta exposição resulta de um grande esforço e dedicação de várias equipes que trabalharam na construção de uma leitura trans-histórica de obras e documentos, para que possamos refletir sobre modos de vida que formaram a cidade e continuam a desafiar a interpenetração entre estabelecidos e visitantes, formas de uso e democratização do espaço público, urbanização e ocupação topográfica por detentores de bens ou por construtores autoproclamados. Percebe-se que não existe território sem disputa, e os conflitos, além de geográficos, são também linguísticos, culturais, econômicos e políticos. Em tudo isso, a procura e a vontade de ancorarmos em portos da diversidade, dispendo-nos a conhecer uma história constituída por trocas entre todos os continentes, formando um lugar que ainda busca tornar-se outro: aquele que pertença a todos que o habitam.

EVANDRO SALLES, FERNANDA TERRA,
MARCELO CAMPOS E POLLYANA QUINTELLA

VISÕES DA NATUREZA

O mundo natural e o mundo inventado se entrelaçam na arte e na ciência. Entre catalogação e fascínio, pragmatismo e fantasia, imitação e invenção modelam-se universos desde tempos remotos. Imagens revelam modos de ver, modos de ser, mentalidades.

Somos agora convidados a conviver com imagens de tempos e espaços diversos, buscando encontrar os olhares que recriaram, por meio delas, a natureza da América. Achados arqueológicos, pranchas e coleções de naturalistas e cientistas de outros séculos ou obras de artistas contemporâneos espelham o modo como tantos viram e veem as coisas, os seres, os encadeamentos naturais do nosso novo velho mundo.

MARAVILHAMENTO

A floresta, a paisagem, a natureza farta e rude geram um misto de atração e temor nos europeus. São comuns as imagens que associam as terras invadidas ao mito bíblico do Jardim do Éden. Outras evocam um clima soturno, misterioso.

CIÊNCIA E CATALOGAÇÃO: COLECIONAR O MUNDO

Isolar, dissecar, classificar os elementos naturais eram uma forma de tomar posse do Novo Mundo. Um mundo nem tão novo assim, que possuía complexos sistemas de pensamento míticos e históricos, envolvendo a observação do céu, as navegações, a representação da natureza. Cientistas, naturalistas, cartógrafos europeus vieram para esquadrihar as terras exóticas e muitas vezes se renderam à invenção. Hoje, muitos artistas se apropriam da linguagem de suas ilustrações para questionar a suposta neutralidade do método científico ocidental e tratar de dilemas contemporâneos.

DESCONHECIDO
(UNKNOWN), *[Painel de azulejos holandeses (Delf) – Temática de criaturas marinhas e peixes emolduradas por cantoneiras em ossekopjes]* (Panel of Dutch tiles [Delf] – Theme of sea creatures and fish mounted by angle brackets on ossekopjes), [1640-1670]. Cerâmica | Cozedura, vitrificado (Ceramic | Baked, glazed). MAR – Museu de Arte do Rio | SMC RJ | Fundo Z Coleção (Collection) Joel Coelho

WALMOR CORRÊA
Diorama 4, 2012. Madeira, vidro, taxidermia, plástico e tinta acrílica | Técnica mista (Wood, glass, taxidermy, plastic and acrylic paint | Mixed media). MAR – Museu de Arte do Rio | SMC RJ | Fundo Luciana Caravello

Acervo Biológico do Museu Nacional | UFRJ; Biodiversidade da Baía de Guanabara; Coleções Científicas e da Seção de Assistência ao Ensino (Biological Collection; Biodiversity of Guanabara bay; Teaching Support Section and Scientific Collections). Objetos selecionados pela equipe do Museu Nacional (Objects chosen by Museu Nacional Team)



CARLOS JULIÃO, *Índios: duas figuras bronzeadas vestidas de penas* [Natives: two tanned figures dressed in feathers], séc. XVIII (18th century). Fac-símile | Aquarela (Facsimile | Watercolour)

CARLOS JULIÃO, *Índios: homem e mulher recobertos de pelos, empunhando arco e flechas e folhagens* [Natives: man and woman covered in furs, wielding bow and arrows and foliage], Século XVIII [18th century]. Fac-símile | Aquarela [Facsimile | Watercolour]. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

JEAN BAPTISTE DEBRET *Vallée da Serra da Mar (Chaine de montagnes près de la mer)*, 1834/1965. Fac-símile da edição original de Firmin Didot Frères, *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil* | Tomos I e II: il. p&b (Facsimile of the original edition by Firmin Didot Frères, *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil* | Takes I and II: il. b&w). MAR - Museu de Arte do Rio | SMC RJ | Fundo Fundação Roberto Marinho

JOHANN MORITZ RUGENDAS, *Wasserfall von Tijuca*, 1836. Fac-símile da edição original do livro *Das Merkwürdigste aus der malerischen Reise in Brasilien* | Impressão litográfica p&b (Facsimile of the original edition of the book *Das Merkwürdigste aus der malerischen Reise in Brasilien* | B&w lithographic print). MAR - Museu de Arte do Rio | SMC RJ Fundo Z - Coleção Joel Coelho

JEAN BAPTISTE DEBRET *Sauvages gyanas*, 1834/1965. Fac-símile da edição original de Firmin Didot Frères, *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil* | Tomos I e II: il. p&b (Facsimile of the original edition by Firmin Didot Frères, *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil* | Takes I and II: il. b&w). MAR - Museu de Arte do Rio | SMC RJ | Fundo Fundação Roberto Marinho

JOHANN MORITZ RUGENDAS, *Ein urwald bey Manqueritipa*, 1836. Fac-símile da edição original do livro *Das Merkwürdigste aus der malerischen Reise in Brasilien* | Impressão litográfica p&b (Facsimile of the original edition of the book *Das Merkwürdigste aus der malerischen Reise in Brasilien* | B&w lithographic print). MAR - Museu de Arte do Rio | SMC RJ | Fundo Z - Coleção Joel Coelho

MARIA GRAHAM (1785-1842)

A inglesa Maria Dundas estudou literatura, arte, filosofia e história natural. Como filha e esposa de oficiais da Marinha britânica, viajou a diversas partes do mundo. Veio pela primeira vez ao Brasil em 1821 e em 1823 viveu no Rio de Janeiro, no Morro da Glória. Nesse período foi coletora da *Flora Brasiliensis* de Martius. Realizou herborizações e trabalhos botânicos em Pernambuco, na Bahia e no Rio de Janeiro, e em 1824 publicou na Inglaterra dois livros sobre o Brasil: *Journal of a Residence in Chili during the year 1822, and a Voyage to Brazil in 1823* e *Journal of a Voyage to Brazil and Residence there during Part of the Years 1821, 1822 and 1823*.



SERGIO ALLEVATO, *Vanilla chamissonis* (da série Rio de Janeiro) (*Vanilla chamissonis* – from the Rio de Janeiro series), 2010 Aquarela sobre papel (Watercolour on paper). MAR – Museu de Arte do Rio | SMC RJ Doação (Donated by) Sergio Allevato

JOHN GRAZ, *Floresta tropical* (Tropical Forest), sem data (undated). Óleo sobre tela (Oil on canvas). Coleção particular (Private collection)





CULTURAS ORIGINÁRIAS

ANTES DO BRANCO, DEPOIS DO BRANCO

Mayrawuê Kayabi, do povo indígena Kayabi, expulso do Mato Grosso por volta de 1950, quando seu território foi repartido em glebas de terras dadas a fazendeiros, propôs a divisão da história em “antes e depois do branco” (**a.b.**, **d.b.**).

a.b.: Os tupis-guaranis ocupavam pontos esparsos da América ocidental. Das regiões das Missões e do Rio da Prata (Paraguai) até o nordeste da América do Sul há vestígios arqueológicos desses povos milenares que teriam se dispersado para o leste e o sul a partir da Amazônia há cerca de 2.500 anos. Na Baía de Guanabara os tupis teriam expulsado ou absorvido populações anteriores. Em 1500, milhares de tupinambás, divididos em grupos como Tamoio, Temiminó, Tupinikim, viviam no Rio de Janeiro que um dia foi avistado por caravelas.

d.b.: Em 200 anos os tupinambás estavam extintos.

Extintos? A declaração da extinção dos povos indígenas da Baía de Guanabara tem servido para justificar a desapropriação de seus territórios. Mas os puris e os guaranis se mantêm vivos e ativos em disputas por assentamentos em território fluminense. A Aldeia Maracanã, uma ocupação urbana do antigo prédio do Museu do Índio, próximo ao estádio de futebol, reúne pessoas das etnias fulni-ô, guajajara, pataxó, apurinã, tukano, xavante, entre outras, para reivindicar o reconhecimento de que são índios, princípio a partir do qual seus demais direitos podem ser defendidos. Lideranças indígenas têm conquistado espaços importantes na vida política brasileira.

MARUBO, *Remo cordiforme* (Cordiform paddle), 1994. Madeira (Wood). Coleção (Collection) Museu do Índio



NÚCLEO "CULTURAS
ORIGINÁRIAS" (NUCLE
"ORIGINAL CULTURES")



ACELINO SALES TUJÍ, *Kui Dume Teneni, aldeia Bom Jesus - Rio Jordão* [Kui Dume Teneni, Bom Jesus village - Jordan river], sem data [undated]. Óleo sobre tela [Oil on canvas]. MAR - Museu de Arte do Rio / SMC RJ / Fundo Z

ANTROPOFAGIA

Tão antigo quanto a humanidade, o canibalismo era praticado pelos homens pré-históricos em toda a Europa. A antropofagia pode ser póstuma, dos entes queridos, ou bélico-sociológica, de tipo ritual. Cerimônias de ambos os tipos eram realizadas pelos povos tupinambás na Baía de Guanabara no tempo da chegada dos europeus. O termo “canibal” foi usado para rotulá-los como sacrílegos, selvagens e até inumanos.

Em 1928, na década da explosão do modernismo no Brasil, o escritor e dramaturgo Oswald de Andrade retomou o termo em seu Manifesto Antropófago para com ele designar a assimilação-incorporação-devoração cultural do Outro-europeu como forma de superar a métrica eurocêntrica e afirmar uma arte e uma cultura tropicais. Desde então, a antropofagia se tornou um conceito recorrente no pensamento e nas artes brasileiros.

JOSÉ URUTAU GUAJAJARA, O ZÉ GUAJAJARA (1961)

Este líder do movimento pelos direitos indígenas na cidade do Rio de Janeiro nasceu na Aldeia Lagoa Comprida, da etnia guajajara, no Maranhão. Pedagogo e mestre em linguística, é professor universitário de língua e cultura tupi-guarani e atua como pesquisador no Museu Nacional. Em 2006 participou do grupo de indígenas de várias etnias que fundou a Aldeia Maracanã no prédio abandonado do antigo Museu do Índio, ao lado do estádio do Maracanã, e tem sido um dos maiores ativistas na resistência às diversas ameaças de desocupação e remoção desse espaço.

ANÍSIO MEDEIROS /
AGÊNCIA AMG, *Cartaz*
do filme *Macunaíma*,
de Joaquim Pedro de
Andrade (Poster for
the film *Macunaíma*,
by Joaquim Pedro
de Andrade), 1969.
Impressão offset (Offset
print). Acervo (Archive)
Cinemateca do Museu
de Arte Moderna do
Rio de Janeiro

Revista de Antropofagia
(Anthropophagy
Magazine), 1976.
Periódico (Periodical
publication). Acervo
(Archive) Fundação
Biblioteca Nacional,
Brasil



NAVEGAÇÕES

No tempo das primeiras travessias oceânicas, os portugueses eram peritos no que havia de mais avançado nas ciências náuticas e estavam empenhados no aprimoramento de métodos de medição, orientação e tecnologias de armação. Juntamente com conhecimentos diversos como matemática, cartografia e outros, até mesmo os relatos de histórias trágicas eram notícias consideradas para a definição de procedimentos náuticos.

Atravessar os mares era perigoso, mas promissor: do outro lado esperavam mercados, terras, honrarias, poder, riquezas fabulosas. As observações dos navegadores Américo Vespúcio, Pedro Álvares Cabral e Nicolau Coelho propagaram ideias perturbadoras de que as terras abordadas a oeste pertenciam a uma parte desconhecida do mundo, um novo mundo.



ARJAN MARTINS, *Sem título* (Untitled), 2017
Acrílica sobre tela
(Acrylic on canvas).
Cortesia (Courtesy of)
Arjan Martins e Galeria
A Gentil Carioca

DESCONHECIDO
(UNKNOWN), *Astrolábio*
(Astrolabe) séc. XVI/
séc. XX (16th/20th
century). Fac-símile I
Fundição e gravação
em liga metálica
(Facsimile I Founding
and engraving in metallic
alloy). Diretoria do
Patrimônio Histórico
e Documentação
da Marinha



NAVEGAÇÕES

No tempo das primeiras travessias oceânicas, os portugueses eram pouco mais que herdeiros de uma tradição náutica milenar, que havia se desenvolvido nas culturas náuticas e estava impregnada no espírito dos povos do Mediterrâneo, do Oriente e da América. A tecnologia de construção naval, a cartografia e o conhecimento das rotas marítimas, aliado ao conhecimento das técnicas de navegação, eram essenciais para a definição de procedimentos náuticos.

Atravessar os mares era perigoso, mas promissor: do outro lado esperavam riquezas, terras, honras, poder, riquezas. As descobertas dos navegantes André Álvares, Pedro Álvares Cabral e Vasco da Gama prepararam o caminho para a definição de uma política de expansão do império português no mundo, um novo mundo.



NAVEGAÇÕES



NAVEGAÇÕES



NÚCLEO "NAVEGAÇÕES"
(NUCLE "THE NAVIGATIONS")

MANUFATURA DE MEISSEN
(MEISSEN MANUFACTORY)
Alegoria da América
(Allegory of America),
séc. XIX (19th century).
Porcelana policromada |
Cozedura (Polychromed
porcelain | Baked). MAR
– Museu de Arte do Rio |
SMC RJ | Fundo Patrícia e
Cícero Amaral



ALEGORIAS DO NOVO MUNDO

Nas artes visuais e na literatura, especialmente nos séculos XVI e XVII, recorre-se a alegorias para expressar ideias abstratas (sabedoria, tempo, fortuna, fama, amor, morte, nação, povo), sentimentos, valores (justiça, castidade), estados de espírito (fervor revolucionário, melancolia, exaltação coletiva), passagens históricas. Já nos primeiros tempos que se seguiram à invasão do Brasil, as terras conquistadas, com suas riquezas, gentes e natureza dominadas, eram personificadas em figuras alegóricas geralmente femininas e indígenas.

ESFERA ARMILAR E TERRAPLANISMO

Modelo do cosmo, a esfera armilar foi um importante instrumento astronômico e de navegação por mares desconhecidos e se tornou símbolo do período das invasões portuguesas. Sua forma revela que as teses de que a Terra é plana estavam ultrapassadas já naquele momento.

Dom Manuel I, então rei de Portugal, incorporou a figura em sua bandeira pessoal. Presente no estandarte de navios que dobravam a rota entre a metrópole e o Atlântico Sul, a esfera armilar tornou-se elemento marcante da bandeira brasileira.



LAURA VINCI
1. *Onde estamos?*
(Where are we?), 2017
Vidro de borossilicato,
latão banhado a ouro e
granada (Borosilicate
glass, gold-plated brass
and garnet)
2. *Morro Mundo #2*
(World Hill #2), 2018
Vidro de borossilicato,
latão banhado a ouro
(Borosilicate glass, tin
washed in gold)
3. *Morro Mundo #1*
(World Hill #1), 2018
Vidro de borossilicato,
latão banhado a ouro
(Borosilicate glass, tin
washed in gold)
Cortesia (Courtesy of)
Galeria Nara Roesler





LUTAS E BATALHAS

Entre as primeiras pisadas dos portugueses na Baía de Guanabara, na expedição de Gaspar de Lemos, em 1502, e a expulsão dos franceses que ali fundaram sua França Antártica, passaram-se mais de seis décadas. O povoamento português ainda era ínfimo, o que deixava a baía exposta aos interesses de outras nações, como a França.

Chamada de Henryville ou de São Sebastião do Rio de Janeiro, a cidade do Rio foi fundada por motivos estritamente militares. No embate pela ocupação e defesa do território, os povos indígenas foram aliados dos portugueses (os temiminós) ou dos franceses (os tamoios). Vitoriosos, os portugueses doaram sesmarias aos índios temiminós em área estratégica para defesa, no local onde, depois, foi fundada a cidade de Niterói.

INVASÕES FRANCESAS:

FRANÇA ANTÁRTICA (1555) E O SAQUE DE 1710

França Antártica (1555-1567)

Indiferentes ao Tratado de Tordesilhas (1494), que dividia terras invadidas e a invadir entre Portugal e Espanha, os franceses exploravam o pau-brasil no litoral carioca desde antes mesmo da chegada dos portugueses. O empreendimento colonial denominado França Antártica, portanto, foi uma estratégia para ampliar as “relações comerciais” já travadas com os índios tamoios, que habitavam a região e eram hostis aos portugueses.

Em 10 de novembro de 1555 chegou à Baía de Guanabara uma esquadra francesa liderada pelo diplomata e oficial naval Nicolas Durand de Villegagnon, e em seguida os franceses fundaram a cidade de Henryville.

THEODORE DE BRY,
segundo relato de Jean
de Léry (according to
Jean de Léry's account),
*Les nôtres arrivent
au moment où les
Indiens m'emmenaient.
Ils essaient de me
reprendre. Les Indiens
se tourment contre eux
et livrent un combat,*
1592. Fac-símiles |
Gravuras em metal
colorizadas (Facsimiles
| Colored metal
engravings). Serviço
Histórico da Marinha,
Vincennes, França

CORSÁRIOS FRANCESES

Em 1710 o capitão Jean-François Duclerc atacou a Baía de Guanabara, por onde escoava o ouro recentemente descoberto no interior da colônia. O ataque foi malsucedido: cerca de 400 franceses foram mortos e outros 700, capturados.

Em 1711, como vingança, René Duguay-Trouin liderou nova investida à baía e conseguiu dominar e saquear a cidade. Trouin levou todo o ouro que conseguiu tomar em butim, 200 mil cruzados, 500 caixas de açúcar e animais para o sustento das tropas. O corsário conseguiu também a libertação de prisioneiros franceses.



FUNDAÇÕES DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

São Sebastião do Rio de Janeiro

Para retomar a região para os portugueses, foi designado o militar Estácio de Sá. Antes de desembarcar no Rio, Sá passou pelo Espírito Santo para arregimentar os índios temiminós ali aldeados. Liderados pelo chefe Arariboia, os temiminós aliaram-se ao exército luso e expulsaram os franceses em 1560; em troca, receberam do governo de Mem de Sá terras onde hoje está Niterói, estratégicas para a defesa da baía.

Estácio de Sá demarcou um terreno plano entre os morros Cara de Cão e Pão de Açúcar no qual fundou, em 1º de março de 1565, a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. A área serviu de base para sua estratégia militar contra os franceses, vencidos e expulsos na Batalha de Uruçu-Mirim em 1567, quando Sá foi ferido por uma flecha envenenada e morreu semanas depois.

NÚCLEO
"LUTAS E BATALHAS"
(NUCLE "FIGHTS
AND BATTLES")

Em destaque:
DESCONHECIDO
(UNKNOWN), *Elmo*
(Helmet), segunda
metade do séc.XVII
(second half of the
17th century). Ferro |
Fundição (Iron | Foundry).
MAR – Museu de Arte do
Rio | SMC RJ | Fundo Z



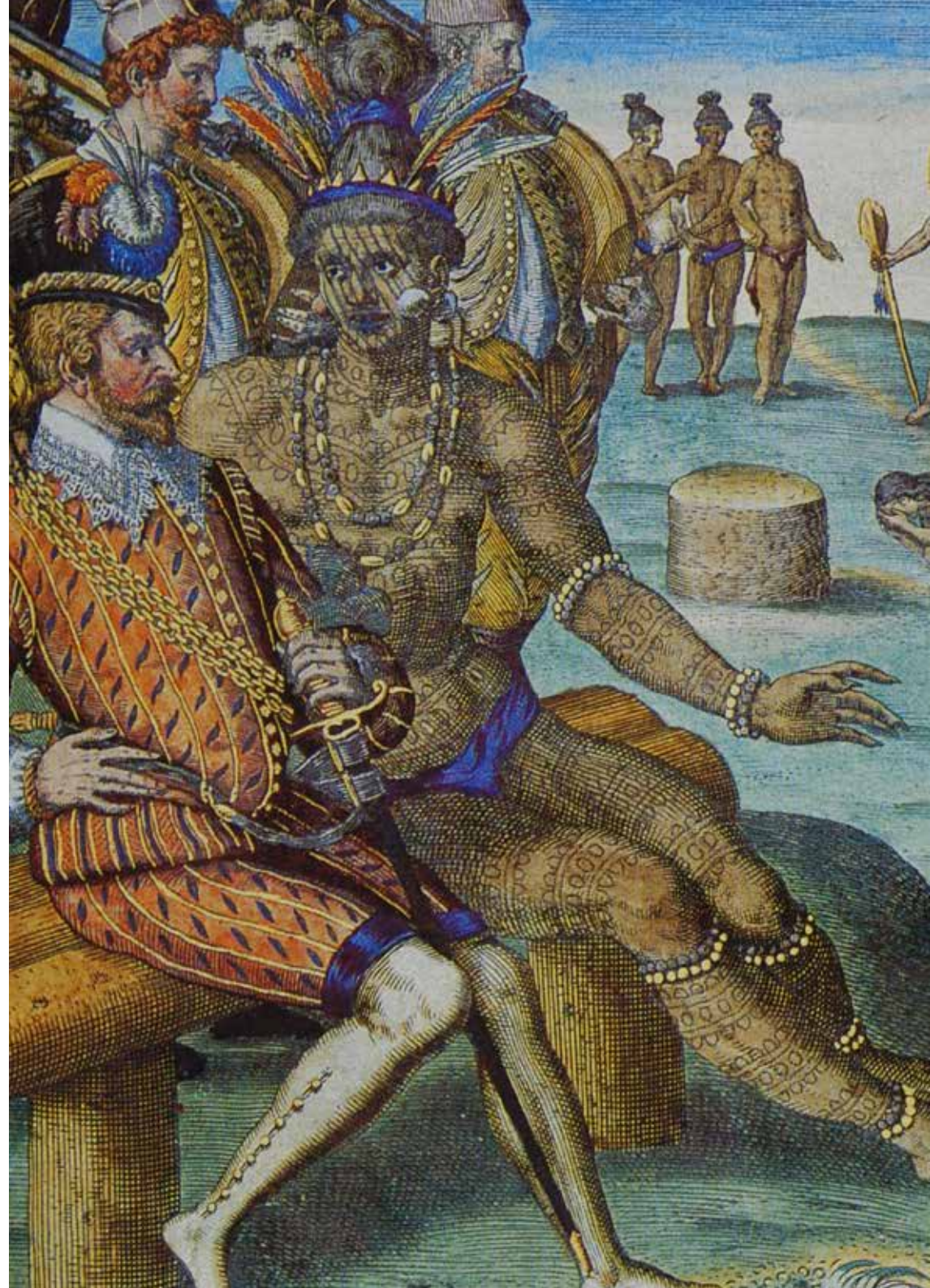
ARARIBOIA (? - 1589)

Chefe da nação Temininó, originalmente residente em Paranapuam, atual Ilha do Governador. Em 1555 os temininós foram expulsos para o Espírito Santo pelos tamoios e seus aliados franceses, mas em 1560 Arariboia retornou com seus oito mil guerreiros-canoeiros para combatê-los ao lado de Estácio de Sá. Como retribuição, recebeu da Coroa portuguesa terras onde fundou o aldeamento de São Lourenço dos Índios, origem da moderna Niterói. Vítima do preconceito português, retirou-se para suas terras; morreu em epidemia possivelmente de varíola. Em 1965, na Praça Arariboia, em Niterói, foi inaugurada sua estátua de corpo inteiro, olhos voltados para a Baía da Guanabara, em postura de guarda e vigilância das águas.

CUNHAMBEBE (? - 1555)

O maior líder durante a confederação que organizou a luta dos 70 mil tamoios contra os portugueses no litoral paulista e fluminense. Possivelmente existiram dois Cunhambebes, pai e filho. Os tupinambás do Rio de Janeiro, ditos tamoios, foram dizimados após a assinatura, em 1563, do Armistício de Paz de Yperoig com os portugueses. Aos poucos os remanescentes deram origem às populações caiçaras do litoral paulista, mas desapareceram por completo no Rio de Janeiro. O chefe Cunhambebe, pai, líder da revolta, morreu em 1555 durante uma epidemia possivelmente de varíola.

THEODORE DE BRY,
segundo relato de Jean
de Léry (according
to Jean de Léry's
account), [O sacrifício
do primogênito]
(The sacrifice of the
first-born son), 1592.
Fac-símiles | Gravuras
em metal colorizadas.
(Facsimiles | Colored
metal engravings).
Serviço Histórico da
Marinha, Vincennes,
França



AMELIA DA SILVA COSTA,
Vista da Baía do Rio de Janeiro (View of the Bay of Rio de Janeiro)
sem data (undated).
Óleo sobre tela (Oil on canvas). Coleção particular (Private collection)

Em destaque:
CARLITO CARVALHOSA, *Já estava assim quando eu cheguei* (It was like this when I got here),
2006/2015. Resina de poliéster, pó de mármore, madeira | Técnica mista (Polyester resin, ivory powder, wood | Mixed media). MAR – Museu de Arte do Rio | SMC RJ. Doação (Donation by) Carlito Carvalhosa



A NATUREZA DA BAÍA DE GUANABARA

O conjunto formidável de rochas, lagoas, cursos d'água, praias, restingas, manguezais, montanhas e florestas que compõe a Baía de Guanabara estimula a imaginação de quem se dispõe a contemplá-lo, apesar das ocupações que ferem a região desde a chegada dos primeiros europeus. Os olhares sobre a Baía de Guanabara antecedem em milhares de anos aqueles registrados em pena e papiro, papel, tela e película, fotos e fonogramas, *bytes* e outros suportes. Mas fiquemos com essas imagens e contraimagens, nossos espelhos.

ÍCONES DA PAISAGEM:

A BAÍA, O PÃO DE AÇÚCAR E A PEDRA DA GÁVEA

A Baía de Guanabara é conformada como um porto natural. Duas grandes formações rochosas eram pontos de referência para os navegantes que se aproximavam da costa: o Pão de Açúcar, assim chamado pela semelhança com os torrões de açúcar enformados nos engenhos, e a Pedra da Gávea, nome inspirado por sua forma semelhante à de um cesto de gávea, que, instalado no ponto mais alto do mastro do navio, permite avistar melhor o entorno.

FRIEDRICH HAGEDORN,
Enseada de Botafogo
(Botafogo shoreline),
sem data (undated).
Óleo sobre tela (Oil on canvas). Coleção particular (Private collection)





NÚCLEO "A NATUREZA
DA BAÍA DE GUANABARA"
(NUCLE "THE NATURE OF
GUANABARA BAY")



TARSILA DO AMARAL
Marinha com Pão de Açúcar (Marine and Pão de Açúcar), 1945. Óleo sobre tela de linho (Oil on thread canvas).
MAR – Museu de Arte do Rio | SMC RJ | Fundo Prefeitura do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro City Hall)



HELIO EICHBAUER, *O Rei da Vela [cenário]* (The Candle King [setting]), 1967. Fac-símile | Aquarela (Facsimile | Watercolour).
Coleção (Collection) Helio Eichbauer

GARCIA BENTO, *Vista da Baía de Guanabara e do Rio de Janeiro* (View of Guanabara Bay and Rio de Janeiro), 1928. Óleo sobre tela (Oil on canvas). MAR – Museu de Arte do Rio | SMC RJ | Fundo Z





[MESTRE VALENTIM]
A alegoria do Brasil
[Projeto para uma fonte
do Passeio Público do
Rio de Janeiro] (Allegory
 of Brazil [Project for
 a fountain in Passeio
 Público in Rio de
 Janeiro]), [1779-1783].
 Nanquim e aquarela
 sobre papel (China ink
 and watercolour on
 paper)

RIO: CIDADE-PORTO EM CONSTRUÇÃO

Século XVIII: a antiga vila de São Sebastião do Rio de Janeiro, cuja estrutura portuária era voltada para a economia açucareira e subprodutos da pesca baleeira, se transforma em um centro de comércio transcontinental movimentado pelo ouro e o consequente aumento dos padrões de consumo. O porto do fluxo de mercadorias é também o ponto de entrada de inspirações subversivas, como as “abomináveis ideias francesas” e a Constituição norte-americana.

Século XIX: o antigo eixo Rio-Lisboa perde a exclusividade, pois com a instalação da corte portuguesa no Rio, em 1808, os portos brasileiros são abertos às nações amigas. Nesse momento em que as atividades do tráfico negreiro se intensificam, o porto do Rio de Janeiro é reconfigurado com a marca imperial. Ironicamente, o Cais do Valongo, para onde o desembarque de navios negreiros foi transferido em 1811, é reformado e inaugurado em 1843 como Cais da Imperatriz, em homenagem à esposa de dom Pedro II.

A CIDADE E SUAS ÁGUAS: VIAS, PRAÇAS, LARGOS, AQUEDUTOS E CHAFARIZES

A cidade cresceu refreando e reorientando suas águas. Pântanos, alagadiços e lagoas foram drenados e aterrados para a construção de vias e edificações, todos com mão de obra escravizada; valas para escoamento de esgotos e águas pluviais foram abertas; obras de adução, como o Aqueduto da Carioca, hoje Arcos da Lapa, asseguraram o abastecimento de água, possibilitando a expansão da malha urbana. Inúmeros chafarizes, como os da Carioca, do Lagarto, das Marrecas, da Pirâmide e das Saracuras, serviam de aguada para os navios aportados no cais e para uso da população.



REGINA DE PAULA, *Donde corre mistura de sangue e água* (From where flows blood and water mix), 2014. Reprodução fotográfica em papel algodão (Photographic reproduction on cotton paper). MAR – Museu de Arte do Rio | SMC RJ. Doação (Donated by) Regina de Paula

TRABALHO E ESCRAVIDÃO

Em todo o período colonial, a ocupação portuguesa no Rio (e de resto no Brasil) dependeu da exploração da força de trabalho indígena. Apesar das restrições religiosas, era permitido escravizar indígenas em casos de resgate (prisioneiros de guerra) e guerra justa (insubordinação).

Seguindo a perversa lógica econômica colonial de alcançar o máximo de lucros com o mínimo de investimentos, os altos índices de mortalidade indígena podem ter sido causa fundamental para o aumento do tráfico negreiro, pois não havia mais gentio em número suficiente para suprir as necessidades produtivas do projeto colonizador. No século XIX, o Rio se torna o maior centro ocidental de importação e redistribuição de africanos escravizados.

ABERTURA DOS PORTOS

A abertura dos portos para nações amigas significou o fim do Exclusivo Comercial Metropolitano, acordo segundo o qual todos os produtos que saíam do Brasil deveriam ser reexportados de Portugal. Mediante o pagamento de taxas alfandegárias, os comerciantes poderiam vender diretamente para países autorizados. Após a vinda da corte portuguesa, a chegada de negreiros saltou, em 1811, de 20 para 50 embarcações por ano e depois, em 1830, para 120.



DANIEL LANNES, *Exílio* (Exile), 2014. Óleo sobre linho (Oil on linen). MAR – Museu de Arte do Rio | Fundo Edson Queiroz

Páginas (pages) 64-65: ANTONIO LUIZ FERREIRA *Missa campal celebrada em ação de graças pela Abolição da escravidão no Brasil* (Outdoor Mass celebrated in thanksgiving for the Abolition of slavery in Brazil), 17/5/1888. Fac-símile | Impressão fotográfica sobre papel (Facsimile | Photographic print on paper). Coleção Dom João de Orleans e Bragança sob guarda do Acervo (Archive) Instituto Moreira Salles



ATLÂNTICO NEGRO, OCEANO VERMELHO

A diáspora africana espalhada nas Américas não se circunscreve às fronteiras étnicas ou locais, mas constitui uma rede transnacional de fluxos, trocas e resistências culturais. Forjada sob a violência que relegou africanos de tantas nações ao *status* de mercadoria, a cultura que desde os primeiros negreiros transpôs esse oceano de sangue vingou no continente americano. Aqui, marcou as conformações étnico-sociais e gerou novos nexos culturais. Hoje estabelecido, o conceito de Atlântico Negro permite assimilar, na historiografia, a relevância do continente africano na configuração cultural do Atlântico Ocidental.



ALINE MOTTA, *(Outros) fundamentos #1* ([Other] grounds #1), 2017. Tinta pigmentada sobre papel Rag Photographique (Pigmented ink on Rag Photographique paper) Coleção (Collection) Aline Motta

ROSANA PAULINO, *Atlântico vermelho* (Red Atlantic), 2017. Impressão digital sobre tecido, recorte e costura (Digital print on fabric, cuttings and stitching). Cortesia (Courtesy of) Galeria Superfície



CAIS DO VALONGO, HISTÓRIA E RESISTÊNCIA

O Cais do Valongo e seu entorno formavam o maior complexo de comercialização escravagista das Américas. Entre 1811 e 1831, desembarcaram ali cerca de um milhão de africanos escravizados. Os corpos dos que morriam nas proximidades da costa eram depositados no Cemitério dos Pretos Novos, também perto do cais.

Essas atrocidades não ficaram sem resposta. O Valongo traz a história da resistência do povo negro, do Quilombo da Pedra do Sal, dos terreiros de candomblé, da luta dos trabalhadores portuários, das ruas e esquinas por onde circularam célebres capoeiristas e sambistas.

Descoberto em 2011 em meio a obras na região, o Cais do Valongo foi tombado pela Unesco como patrimônio da humanidade em 2017. O Cemitério dos Pretos Novos é um sítio de memória e pesquisa dessa triste história.



GUIGNARD, *Retrato de homem* (Portrait of a man), 1943. Óleo sobre madeira (Oil on wood). MAR – Museu de Arte do Rio | SMC RJ | Fundo Z

BELMIRO DE ALMEIDA *Príncipe Obá* (Prince Obá), 1880. Óleo sobre madeira (Oil on wood). MAR – Museu de Arte do Rio | SMC RJ | Fundo Luciana e Luis Antônio de Almeida Braga





ORLANDO TERUZ, *Negra*
(Black woman), 1951.
Óleo sobre tela (Oil on
canvas). MAR – Museu
de Arte do Rio | SMC RJ
| Fundo Z



BELMIRO DE ALMEIDA
[Figura de jovem negra]
(Figure of a young black
woman), déc. 1880
(1880s). Óleo sobre tela
(Oil on canvas). MAR –
Museu de Arte do Rio |
SMC RJ | Fundo Z



NÚCLEO "ATLÂNTICO
NEGRO, OCEANO
VERMELHO" (NUCLE
"BLACK ATLANTIC,
RED OCEAN")

PROCISSÕES E CULTOS MARINHOS

As culturas africanas encontraram formas de se restaurar do lado de cá do Atlântico associando-se a alguns aspectos da religião oficial, o catolicismo, por meio de celebrações e denominações de santos conforme sua hierarquia e calendário.

No Rio, uma procissão e festas marítimas celebram Iemanjá, orixá do mar, paralelamente às de Nossa Senhora dos Navegantes. No dia 29 de dezembro, sai uma procissão do Mercado de Madureira, na zona norte da cidade, e segue até o mar de Copacabana, na zona sul, onde os fiéis depositam seus presentes para Iemanjá. E na passagem do ano, representantes de vários terreiros de candomblé e umbanda levam oferendas à senhora do mar acompanhados por milhões de pessoas que, crédulas ou não, rogam por melhores dias.

PEDRO BRUNO, *[Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes na Baía de Guanabara]* (Procession of Our Lady of Navigators in Guanabara Bay), 1941. Óleo sobre tela (Oil on canvas). MAR – Museu de Arte do Rio | SMC RJ | Fundo Fundação Roberto Marinho



EVANDRO TEIXEIRA
Iemanjá na praia
(Iemanjá at the beach),
2014. Inkjet print,
pigmento mineral sobre
papel (Inkjet print,
mineral pigment on
paper). MAR – Museu
de Arte do Rio | SMC RJ |
Fundo Evandro Teixeira

KURT KLAGSBRUNN
Oferenda a Iemanjá
no Ano Novo na praia
(Offering to Iemanjá at
New Year at the beach),
déc. 1960 (1960s).
Impressão inkjet,
pigmento mineral sobre
papel algodão (Inkjet
print, mineral pigment
on cotton paper). MAR
– Museu de Arte do Rio |
SMC RJ | Fundo Marta e
Victor Hugo Klagsbrunn





NÚCLEO "ATLÂNTICO
NEGRO, OCEANO
VERMELHO" (NUCLE
"BLACK ATLANTIC,
RED OCEAN")

REVOLTAS, INSURREIÇÕES, GESTOS REVOLUCIONÁRIOS

O Rio de Janeiro, mesmo com atraso em relação a outras partes do Brasil, foi palco de eloquentes manifestações que tornaram pública a violência do sistema antiescravagista.

Nomes para não esquecer: Manoel Congo e Mariana Crioula, escravos de engenho que protagonizaram uma insurreição em 1838; o jangadeiro cearense Francisco José do Nascimento, o Dragão do Mar, que foi aplaudido na capital por ter interceptado o tráfico negreiro inter-provincial no norte, em 1881; João Cândido, o Almirante Negro, líder dos marinheiros que, fartos dos maus-tratos e das terríveis condições de trabalho na Marinha, em 1910 ameaçaram bombardear a Baía de Guanabara; dom Obá, homem negro, nobre e capoeirista, que ousava andar livre no Rio escravagista.

REVOLTA DA ARMADA

Esta rebelião de oficiais da Marinha do Brasil ocorreu em duas etapas. A primeira, em 1891, durou até a renúncia do primeiro presidente do país, marechal Deodoro da Fonseca, que capitulou diante da ameaça de bombardeio da cidade do Rio pelos oficiais. A segunda etapa, entre 1892 e 1894, obteve apoio das oligarquias que se voltaram contra a posse do vice-presidente, o marechal Floriano Peixoto, considerada inconstitucional, e algumas medidas por ele tomadas, como a deposição de todos os governadores de estado e a admissão de civis no poder.

Entre os objetivos da Revolta da Armada estava a isonomia salarial entre Marinha e Exército. Apoiadores da Monarquia, deposta em 1889, os oficiais da Marinha sentiam-se desprestigiados e chamavam, ironicamente, o governo de “República da Espada”.



REVOLTA DA CHIBATA

A escravidão havia sido abolida em 1888. Mas os castigos corporais continuavam na ordem do dia na Marinha da República, onde a maioria dos homens de bordo eram negros. Em 1910, fartos do açoite e das péssimas condições em que trabalhavam, centenas de marinheiros tomaram o comando de dois navios de batalha encouraçados, o Minas Gerais e o São Paulo, e ameaçaram utilizar seu grande poderio bélico para bombardear a capital da República.

O governo negociou e acenou com uma anistia que não se cumpriu, pois muitos rebeldes foram punidos e demitidos. Após outra revolta ocorrida semanas depois, sem relação com a primeira, marinheiros que participaram do motim dos encouraçados (entre eles João Cândido) foram presos ou mandados para trabalhos forçados nas plantações de borracha no norte.

A. A. SANTOS, [A Revolta da Armada] (The Navy Uprising), 1893. Óleo sobre tela (Oil on canvas). Coleção particular (Private collection)

JOÃO CÂNDIDO FELISBERTO (1880-1969)

Este gaúcho filho de ex-escravizados chegou ao Rio de Janeiro em 1895 para ingressar na Marinha do Brasil, onde conquistou excelente reputação e ótimo trânsito entre oficiais e marinheiros. Em 1910, quando liderou a Revolta da Chibata, recebeu a alcunha de Almirante Negro.

Por essa insurreição contra os violentos castigos ainda impostos aos marujos, quase todos negros, foi acusado de traição e encarcerado pelo governo federal. Internado como louco em 1911, foi solto no ano seguinte. Em 1933 foi convidado por Plínio Salgado a liderar um núcleo na Ação Integralista Brasileira. Quando faleceu, aos 89 anos, ainda era perseguido pela Marinha.



VASCO, [Casa de João Cândido] (Home of João Cândido), 10 de abril de 1962 (10 April 1962). Fac-símile | Fotografia p&b (Facsimile | B&w photograph). Acervo (Archive) Fundação Biblioteca Nacional, Brasil



AUGUSTO MALTA, *Revolta da Chibata, Encouraçado Bahia* (Chibata uprising, Bahia Battleship), 26/11/1910, Rio de Janeiro. Fac-símile | Impressão sobre papel. (Facsimile | Print on paper). Coleção (Collection) Casa Editorial George Ermakoff

AUGUSTO MALTA, *Revolta da Chibata, Encouraçado São Paulo* (Chibata Uprising, São Paulo Battleship), 26/11/1910. Fac-símile | Impressão sobre papel. (Facsimile | Print on paper). Coleção (Collection) Casa Editorial George Ermakoff



CULTURA DO PORTO

Mais do que cenário da chegada da família real portuguesa ou ponto de partida para a colonização e origem do Império no Brasil, o porto do Rio de Janeiro foi o ponto de chegada de uma das mais importantes heranças culturais e étnicas do Brasil, vinda com os negros escravizados que ali davam seus primeiros passos no então novo reinado.

A zona portuária tem sido, desde então, associada a uma população cuja exploração era incentivada e economicamente necessária, mas cuja presença era temida e indesejada. Assim, os governos têm, sucessivamente, pretendido apagar a associação entre esta importante área comercial e o que é considerado indesejável e perigoso: sua composição humana, seus traços culturais e as disputas sociais que aqui se dão.

A pressão econômica sobre essa população tem sido parte indissociável das contradições e dilemas que os projetos de redefinição das formas de utilização destas áreas trazem consigo.

ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO, *Navios de guerra* (Warships), sem data (undated). Costura e bordado (Sewing and embroidery). Coleção (Collection) Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea

KURT KLAGSBRUNN, Entrada do complexo de refugiados da Ilha das Flores. Palavras de boas-vindas escritas em português, alemão, polonês e russo (Entry of the refugees' complex on Flores Island. Words of welcome written in Portuguese, German, Polish and Russian), 1948. Impressão inkjet, pigmento mineral sobre papel algodão (Inkjet print, mineral pigment on cotton paper). MAR – Museu de Arte do Rio | SMC RJ | Fundo Marta e Victor Hugo Klagsbrunn



O TRABALHO NO PORTO: ESTIVADORES E PESCADORES

A mão de obra avulsa que se enfileirava na zona portuária na virada para o século XX era composta de homens, em sua maioria negros, em busca de algum trabalho. Os assalariados, por sua vez, se reuniram na União Operária dos Estivadores, aderiram à greve geral de 1903 e fundaram um movimento sindical mais amplo e ainda hoje muito ativo.

A primeira colônia de pescadores brasileira foi criada na Baía de Guanabara no período colonial, quando portugueses se fixaram na área do Caju e, junto com espanhóis, introduziram técnicas ibéricas de pesca. A modernização da pesca nos anos 1930 não fez desaparecer por completo essas técnicas artesanais que ainda hoje marcam o universo pesqueiro da região. Nas últimas décadas os pescadores têm se organizado para resistir à expulsão gradativa a que vêm sendo submetidos.

EUGÊNIO SIGAUD
[Operários] (Operators),
1938. Encaústica sobre
tela (Encaustic on
canvas). MAR – Museu
de Arte do Rio | SMC RJ
| Fundo Z



KURT KLAGSBRUNN, *Líder dos jangadeiros* (Leader of the jangadeiros), 1951. Impressão inkjet, pigmento mineral sobre papel algodão (Inkjet print, mineral pigment on cotton paper). MAR – Museu de Arte do Rio | SMC RJ | Fundo Marta e Victor Hugo Klagsbrunn

FEIRAS, MERCADOS, TRAPICHES

No comércio portuário, pessoas e mercadorias eram embarcadas e desembarcadas em estruturas como os trapiches, o conjunto de armazéns e passarelas de madeira que avançavam pelo mar. A Praia do Peixe, embrião da Rua do Mercado, nas imediações da Praça XV, era a grande e permanente feira em que tudo se encontrava: peixes frescos e salgados, hortaliças, frutas, aves e até animais como mi-cos, jacarés e outros.

Trabalhadores como marinheiros, estivadores, pregoeiros, carregadores, barqueiros, prostitutas, pescadores, trapicheiros, baianas, ciganos fazem a história da cidade portuária.



NÚCLEO "CULTURA
DO PORTO" (NUCLE
"CULTURE OF THE PORT")

RIO DOS IMIGRANTES, RIO DOS VIAJANTES

O cosmopolitismo próprio das cidades portuárias se inscreve no Rio à moda dos tantos povos que aqui se radicaram, vindos principalmente de diferentes regiões da Europa, África e Ásia, mas também de outras partes do Brasil.

Os deslocamentos humanos, suas intenções e impasses aqui têm conformado diferentes vínculos e, ainda que nem sempre se deem de maneira apaziguada, exercem influências mútuas formando culturas híbridas, mesclas vocabulares, alimentares, genéticas, existenciais.

SAARA - SOCIEDADE DE AMIGOS DAS ADJACÊNCIAS DA RUA DA ALFÂNDEGA

Localizado no centro histórico do Rio de Janeiro, o Polo Saara é formado por 11 ruas nas adjacências da Rua da Alfândega e reúne cerca de 1.250 lojas voltadas para o comércio popular.

A região foi originalmente ocupada, no fim do século XIX, por imigrantes de diferentes nacionalidades, sobretudo sírios e libaneses maronitas, armênios, cristãos ortodoxos e católicos e judeus sefarditas do Oriente Médio que se dedicaram especialmente ao comércio. Especializados em vários ramos, esses comerciantes acabaram por conferir a essa parte da cidade a imagem de mercado árabe, reduzido de “turcos”.

Muitos desses imigrantes iniciaram suas carreiras de vendedores como mascates, levando, de porta em porta, caixas de variados tamanhos com rendas, leze, tecidos importados, perfumes, joias, chapéus etc., até abrirem suas próprias lojas. Ainda hoje, descendentes desses primeiros imigrantes mantêm viva a tradição do comércio por eles iniciado.



DESCONHECIDO
(UNKNOWN), *Enxaquetado*
(Chequered), sem data
(undated). Cerâmica |
Cozedura, vitrificado
(Ceramic | Baked,
glazed). MAR – Museu
de Arte do Rio | SMC RJ
| Fundo Z

DESCONHECIDO
(UNKNOWN), *[Azulejo
com motivo floral]* (Tile
with floral motif), séc. XX
(20th century). Azulejo
policromado sobre
madeira (Polychromed
tile on wood). MAR –
Museu de Arte do Rio |
SMC RJ | Fundo Z



NÚCLEO "RIO DOS
IMIGRANTES, RIO
DOS VIAJANTES"
(NUCLE "THE RIO OF
IMMIGRANTS, THE RIO
OF TRAVELLERS")



GABRIEL HABIB chegou ao cais do porto na Praça XV aos 19 anos para se reunir aos seus três irmãos. Fugia da dominação otomana no Líbano, antes da 1ª Guerra Mundial. Foi o maior incentivador do então embrionário bairro do Areal, hoje Coelho Neto, onde comprou lotes de terra e construiu lojas e indústrias e equipamentos públicos. Em 1918 inaugurou na Rua da Alfândega nos 297-301 a Gabriel Habib, depois Gabriel Habib e Filhos, a maior loja de brinquedos da SAARA. Foi pioneiro no comércio varejista da região, antes apenas atacadista.

Hoje com 92 anos, DEMÉTRIO CHARL HABIB, filho de Gabriel Habib, iniciou carreira de comerciante como caixeiro-viajante aos 14 anos, levando mostruários de armarinho e ajudando na loja do pai; tinha 18 anos quando este faleceu, e então assumiu os negócios. Foi o idealizador da SAARA, entidade que em 1962 fundou com amigos para organizar o comércio, a segurança e a limpeza da região.

DANIELA PAOLIELLO
Demétrio Habib,
idealizador da Saara
e ex-proprietário da
Gabriel Habib e Filhos;
Issac Meyer Nigri,
proprietário das lojas
Dália (Demetrius Habib,
founder of Saara and
former owner of Gabriel
Habib e Filhos; Issac
Meyer Nigri, owner of
Dália stores), 2019.
Coleção (Collection)
Daniela Paoliello



DIMITRI ISMAILOVITCH
Cigano russo (Russian
gypsy), 1939. Fac-
símile | Desenho:
carvão, p&b (Facsimile
| Drawing: charcoal,
b&w). Acervo (Archive)
Fundação Biblioteca
Nacional, Brasil

DIMITRI ISMAILOVITCH
Cigano (Gypsy), 1941.
Fac-símile | Desenho:
carvão, p&b (Facsimile
| Drawing: charcoal,
b&w). Acervo (Archive)
Fundação Biblioteca
Nacional, Brasil

DIMITRI ISMAILOVITCH
Cigano (Sérvia) (Gypsy
[Serbia]), 1941. Fac-
símile | Desenho:
carvão, p&b (Facsimile
| Drawing: charcoal,
b&w). Acervo (Archive)
Fundação Biblioteca
Nacional, Brasil



PAULA TROPE, *Aleksander Henryk Laks* – *Série Exilios* (Aleksander Henryk Laks – Exiles Series), 2006-2007

1. *Aleksander Henryk Laks, aos 78, Rio de Janeiro, 2006. Nas mãos, fotografia de Henryk aos 12 anos na fila para comida em gueto de Łódź, Polônia, 1940* (Aleksander Henryk Laks, aged 78, Rio de Janeiro, 2006. In his hands, a photo of Henryk aged 12 in line for food in the ghetto of Łódź, Poland, 1940)

2. *Antigo gueto em Łódź, Polônia* (Former ghetto of Łódź, Poland)

3. *Aleksander Henryk Laks. Nas mãos, vestígios de objetos resgatados no campo de concentração de Chelmno* (Aleksander Henryk Laks. In his hands, remains of objects recovered from the Chelmno concentration camp)

Fotografias em cor com câmera Speed Graphic 6x9 dos anos 40 | Impressão analógica. Tríptico e vídeo Hi-8 com câmera de orifício (Colour photographs with 6x9 1940s Speed Graphic Camera | Triptych analogue printing and Hi-8 video with pinhole camera). Coleção da artista (Artist's collection), Rio de Janeiro



ROSANA PALAZYAN
... Uma história que
eu nunca esqueci...
(... A story I never
forgot...) – 2013/2019.
Videoinstalação: vídeo
(13'), linhas e tecido
(Video installation: video
13', threads and fabric).
Coleção da artista
(Artist's collection)





USOS DAS ÁGUAS

A cidade portuária se torna cidade balneária. Praias aglutinam pessoas em torno de atividades lúdicas, religiosas, domésticas. Se a orla da zona sul exporta a imagem de um rio turístico e glamoroso, as praias do subúrbio cunham sua marca popular. O mito de que a praia é um local democrático por excelência é confrontado pela evidência das tensões sociais no espaço público. A célebre baía idílica espelha os problemas e os conflitos de uma cidade cada vez mais desigual.

RIO TURÍSTICO

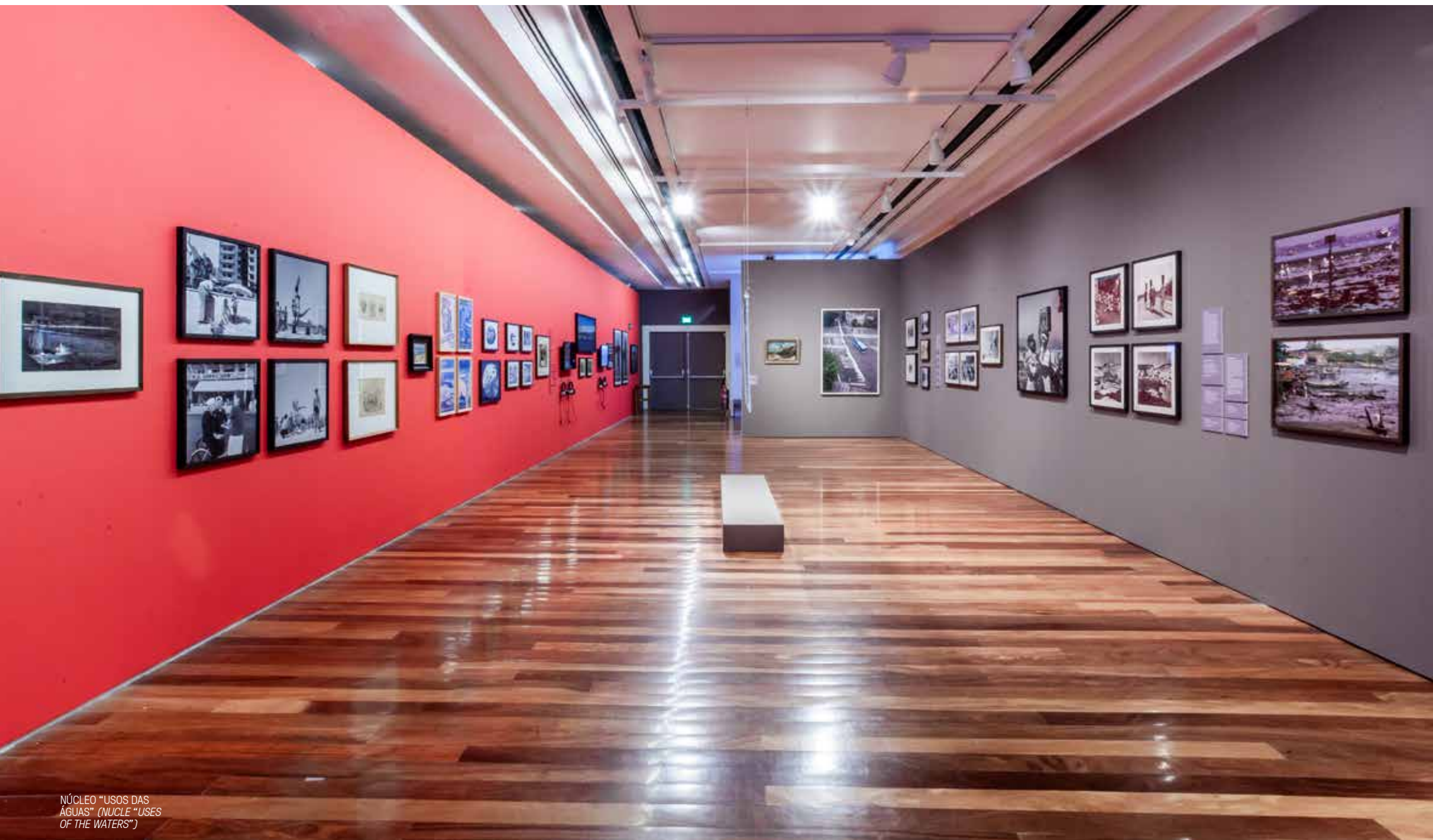
No século XIX, a cidade mais fotografada depois de Paris; hoje, Cidade Maravilhosa ou Cidade Partida: destino turístico privilegiado pelas belezas naturais ou lugar de violência e desordem, associadas às favelas. Mas esses espaços aparentemente apartados, morro e asfalto, são alinhavados pelas gentes, pela cultura e, inclusive, pelo turismo que consome o lado considerado pitoresco do cotidiano da chamada cidade informal.

Nas praias, ruas, parques públicos, estrangeiros de dentro e de fora do país acabam por estabelecer relações diversas com ambulantes, comerciantes, enfim, com a face mais visível da população de renda baixa ou flutuante associada ao turismo. E não deixam de sentir a permanente tensão entre a Cidade Maravilhosa do hino de André Filho e o Purgatório do Caos dos versos de Fernanda Abreu, Fausto Fawcett e Laufer.

KURT KLAGSBRUNN, *Série Copacabana para a revista Life* (Copacabana series for Life magazine), 1944. Impressão inkjet, pigmento mineral sobre papel algodão (inkjet print, mineral pigment on cotton paper). Coleção (Collection) Marta e Victor Hugo Klagsbrunn

Páginas (pages) 100-103: Postais da Coleção MAR que retratam a Região Portuária do Rio de Janeiro (Postcards from the MAR Collection depicting the Port Region of Rio de Janeiro), séc. XX (20th century). Impressão fotográfica (Photographic print). MAR - Museu de Arte do Rio | SMC RJ | Fundo Z | Coleção (Collection) Joel Coêlho





NÚCLEO "USOS DAS
ÁGUAS" (NUCLE "USES
OF THE WATERS")



CARLOS BIPPUS
Enchente na Rua Senador Vergueiro (Flood on Senador Vergueiro Street), c. 1930. Fac-símile | Impressão sobre papel (Facsimile | Print on paper). Coleção (Collection) Casa Editorial George Ermakoff

ENCHENTES E RESSACAS

Já em 1570, padre Anchieta relatava as fortes chuvas que alagavam a cidade do Rio. Em 1711, os corsários franceses liderados por Duguay-Trouin saquearam a cidade em meio a forte temporal.

Inúmeros relatos se sucedem no tempo. O problema das enchentes e ressacas, porém, não pode ser atribuído ao clima ou às intempéries naturais. A cidade do Rio foi construída, em grande parte, sobre lagoas, várzeas, rios, mar e pântanos que foram drenados e aterrados desde o século XVIII. As enchentes são como que memórias dessas águas extraviadas, um atestado de que a ampliação desordenada da malha urbana e as sucessivas reformas urbanísticas se deram sem infraestrutura adequada para sua drenagem e escoamento.

POLUIÇÃO DAS ÁGUAS

A conformação geológica da Baía da Guanabara data de 7 mil anos atrás. A região hidrográfica da qual faz parte tem área de 4 mil Km², 143 rios e córregos e 81,1 Km² de manguezais, e em seu bioma vivem 76 espécies de aves e 245 espécies de peixes. O boto é o único mamífero que ainda frequenta as águas da baía; na década de 1970 os botos-cinza eram 800, agora são 38.

A fauna tem sido drasticamente reduzida, em competição contínua com os 8,5 milhões de pessoas que vivem na bacia hidrográfica da Guanabara, cujas águas recebem 18 mil litros de esgotos domésticos não tratados por segundo.

Cuidar da Baía de Guanabara, despoluí-la e mantê-la saudável é uma questão de sobrevivência para os cariocas.

FÁBIO GUIMARÃES
Pescadores sofrem com falta de peixes e infraestrutura no Gradim (Fishermen suffer from lack of fish and infrastructure in Gradim), 2015. Impressão sobre papel (Print on paper). Acervo (Archive) Agência O Globo



LAVADEIRAS

Por muito tempo, a figura da mulher subindo ou descendo a ladeira e equilibrando uma lata d'água na cabeça fez parte do imaginário sobre a vida carioca. Gerações de mulheres, em geral negras e pobres, sustentaram suas famílias lavando roupas em fontes, bicas, rios e lagos. As que moravam no alto das favelas recolhiam e carregavam, morro acima, as trouxas de roupas sujas da freguesia. Cansadas e incansáveis, percorriam grandes distâncias para buscar a água que precisavam comprar. Se queriam trabalhar perto das bicas, pagavam ainda mais. Depois entregavam as roupas, passadas e perfumadas, nas casas da classe média, lá embaixo, no asfalto.



PIERRE VERGER, *Sem título [Morro Copacabana – Rio de Janeiro]* (Untitled [Copacabana Hill – Rio de Janeiro]), 1946. Fotografia sobre papel (Photography on paper). MAR – Museu de Arte do Rio | SMC RJ | Fundo Concessionária Porto Novo



PRAIAS DO SUBÚRBIO

O traçado urbano que, desde a Copacabana dos anos 1930, valorizou a orla da zona sul como balneário alijou as praias do subúrbio. Praias como as do Caju, de Ramos, da Ilha do Governador e de Sepetiba foram relegadas ao esquecimento. Mas outras formas de uso e ocupação têm revitalizado essa parte da orla, como no caso do Piscinão de Ramos, uma alternativa de lazer e convivência diante dos problemas de poluição que afugentaram os frequentadores da antiga praia na zona norte.

ROGÉRIO REIS, *Surfistas de trem do Ramal de Japeri* (Surfers on the Japeri branch train), 1989. Fotografias analógicas (filme Tri-X), com impressão de jato de tinta sobre papel algodão (Analogue photographs – Tri-X film –, with inkjet print on cotton paper). Coleção (Collection) Rogério Reis



GIOVANNI BATTISTA
CASTAGNETO, *Praia e
Igreja de Santa Luzia*
(Beach and Santa
Luzia Church), 1884.
Óleo sobre tela (Oil on
canvas). MAR – Museu
de Arte do Rio | SMC RJ
| Fundo Z

GUGA FERRAZ, *Até onde o
mar vinha. Até onde o Rio
ia. Praia de Santa Luzia*
(As far as the sea comes.
As far as Rio would go.
Santa Luzia Beach),
2010. Performance
com uma tonelada de
sal grosso | Impressão
fotográfica sobre papel
algodão (Performance
with one ton of coarse
salt | Photographic
print on cotton paper).
Registro fotográfico
(Photographic register):
Beto Felício. Coleção
(Collection) Elsa e Marcio
Botner





JULIO BITTENCOURT
Ramos 13, 2012.
Pigmento mineral
sobre papel algodão
(Mineral pigment on
cotton paper). Coleção
(Collection) Julio
Bittencourt. Cortesia
(Courtesy of) Galeria
da Gávea

O RIO DOS NAVEGANTES

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO DE CURADORIA
IDEALIZATION AND CURATORSHIP COORDINATION
Evandro Salles

CURADORIA E PESQUISA
CURATORSHIP AND RESEARCH
Fernanda Terra, Marcelo Campos e Pollyana Quintella

CONSULTORIA HISTÓRICA
HISTORICAL CONSULTING
Francisco Carlos Teixeira da Silva

IDENTIDADE VISUAL
VISUAL IDENTITY
Elaine Ramos, Flávia Castanheira e Laura Haffner

PROJETO EXPOGRÁFICO
ARCHITECTS
Estúdio GRU (Jeanine Menezes e Lia Untem)

PRODUÇÃO DE TEXTO
TEXT PRODUCTION
Alberto Mussa e Anna Flávia Dias Salles

PESQUISA
RESEARCH
Hernani Heffner, Mariana Filgueiras, Nataraj Trinta/ N30 Pesquisas

COMUNICAÇÃO
COMMUNICATIONS TEAM
Rubia Mazzini (Coordenação), Alice Corrêa, Andressa Lobo, Caroline Bellomo, Camila Corrêa, Pedro Brucznitski, Raphaël Bulcão, Renata Sá e Roberta Campos

CURADORIA E PESQUISA
CURATION AND RESEARCH
Amanda Bonan (Coordenação), Amanda Rezende, Ana Clara Schubert, Juliana Pereira e Pedro Caetano Eboli

EDUCAÇÃO
EDUCATION TEAM
Izabela Pucu (Coordenação), André Vargas, André Gustavo, Bruna Camargos, Cássia de Mattos, Davi Benaion, Edmilson Gomes, Elian de Almeida, Georges Marques, Gisele de Paula, Guilherme Dias, Guilherme Marins, Stephanie Barrêto, Juliana Pavan, Juliane Dantas, Karen Merlim, Luiza de Negreiros, Maria Rita Valentim, Mariana Gon, Natália Nichols, Natasha Guimarães, Patrícia Chaves, Priscilla de Souza,

Raquel Mattos, Silvana dos Santos, Thyago Correa e Wesley Ribeiro

MUSEOLOGIA E MONTAGEM
REGISTER AND INSTALLATION OF ARTWORKS
Andréa M. Zabrieszach Afonso dos Santos (Coordenação), Alekxia Matos, Ana Paula Rocha, Bianca Mandarino, Bruna Nicolau, Mayra Brauer, Marcos Meireles, Mariana Busch, Noan Moreira e Renato Dias

PLANEJAMENTO E PROJETOS
PLANNING AND PROJECTS
Letícia Petribú, Thomás Albuquerque e Regiane Barros

ADMINISTRAÇÃO, FINANÇAS E RECURSOS HUMANOS
ADMINISTRATION, FINANCIAL AND HUMAN RESOURCES
Amanda Antunes, Ana Helena, Daniel Braga, Danielle Lope, Deborah Balthazar Leite, Claudio Torres, Mariana Braga, Raimundo Silva, Thiago Valença, Letícia Nunes, Rachel Braga, Raphaela Siqueira e Thamyres Oliveira

OPERAÇÕES
OPERATIONAL
Roberta Kfuri (gerência), Cássio Pereira (coordenação), Alverindo Borges, Gláuber da Rocha Bordalo, Ijimiraci Nascimento, Regina Ferreira, Wellerson da Silva, Caroline Dias, Fábio Queiroz, Josecleiton dos Santos, Marcus Vinícius Gonçalves, Renato da Silva, Rose Adriana Augusto, Rosinaldo José de Oliveira, Vanessa Baltar e José Russi

CENOTECNIA
SCENOGRAPHY
Camuflagem

EDIÇÃO DE FILMES
FILM EDITING
Fabian Silbert Boal – Collier Filmes

EDIÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS
EDITING AND TEXT REVISION
Irene Ernest Dias

EQUIPAMENTOS AUDIOVISUAIS
ELECTRONIC EQUIPMENT
Nova Mídia e AV Brasil

ILUMINAÇÃO
LIGHTING
BeLight

IMPRESSÃO
PRINTS
Fine Art Rio

MOLDURAS
FRAMING
Metara e Moldurax

PLOTAGEM E SINALIZAÇÃO
PLOTTING AND SIGNALING
Profisinal

PRODUÇÃO TÉCNICA
TECHNICAL PRODUCER
Fernando Rangel

VERSÃO EM INGLÊS
ENGLISH VERSION
John Andrews

VERSÃO EM ESPANHOL
SPANISH VERSION
Mercedes Núñez

AGRADECIMENTOS

THANKS TO:
Caetano Veloso, Claudinei Roberto, Dedé Gadilha Veloso, Elsa e Marcio Botner, Fernando Abdala, Isabel Diegues, Marcelo Bozza, Maria de Andrade, Max Perlingeiro, Nina Dias, Rara Dias e Paola Chieragato, Paloma Rocha, Paulo Herkenhoff, Solange Carybé, Victor Hugo Klagsbrunn, Hecilda e Marta Fadel (Instituto Sérgio Fadel), Vice-Almirante José Carlos Mathias, Cap.

Patrícia Miquilini, Miriam Benevenute (Espaço Cultural da Marinha), Rosângela Sodré (CTAV), Márcia Pereira dos Santos (Regina Filmes), José Carlos Levinho e Ângela Moliterno (Museu do Índio), Eunice Laroque, Bárbara Primo, Mirela Leite (Museu de Arqueologia de Itaipu), Anelise Pacheco (MAST), Daniel Mello e Rundsthen Vasques de Nader (Observatório do Valongo), Paulo Knauss (Museu Histórico Nacional), Jochen Volz e Valéria Piccoli (Pinacoteca de SP), Elisio Yamada (Galeria Pilar), Helena Severo e Maria José da Silva Fernandes (Biblioteca Nacional), Vivian Horta)(Coleção Museus Castro Maya – IBRAM), Angela Moliterno (Museu do Ingá), Hernani Heffner (Cinemateca do MAM – RJ), Fernando Moreira Salles, Denise Elizabeth Teixeira, Sergio Burgi e Gabriella Moyle (Instituto Moreira Salles), Carlos Alberto Guimarães

Silva e Ricardo Passos (Museu do Negro – Igreja N. S. do Rosário), Johenir Jannotti Viégas (Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro), Maria Teresa Cahl (Museu da Imagem e do Som – RJ), Leonardo Chaves de Azevedo (Arquivo Nacional), Ana Luisa Camargo (Museu Imperial de Petrópolis), Kristina Michahelles e Dora Martini (Casa Stefan Zweig), Luis Reznik (Centro de Memória da Imigração da Ilha das Flores/ UERJ), Maria Raquel Fernandes e Ricardo Rezende (Museu Bispo do Rosário), Galeria da Gávea, Galeria Nara Roesler, Galeria Vermelho, Museu Antônio Parreiras, Coleção Casa Editorial George Ermakoff, Agência O Globo, Judaica MAR, Museu Carmen Miranda, Museu Lasar Segall, Fondation Le Corbusier, John Carter Brown Library, Huntington Library, Bibliothèque Nationale de France, Biblioteca da Ajuda, National Library of Australia,

State Library of Western Australia, Coleção da Biblioteca do IBGE, New York Public Library, Huntington Library, Acervo Banco Itaú S.A

AGRADECIMENTOS À EQUIPE DO MUSEU NACIONAL
THANKS TO THE NATIONAL MUSEUM TEAM:
Cristiana Serejo, Eduardo Lacerda Gonçalves, Fernando Coreixas de Moraes, Juliana Manso Sayão, Amanda Thomaz Cavalcanti, Eduardo Lacerda Gonçalves, Guilherme de Almeida Machado, Pedro Henrique de Souza Gomes, Aline Miranda e Souza, Igor Fernandes Rodrigues, Paulo José Santos, Sheila Nicolas Villas Bôas, Marilene de Oliveira Alves, Carlos Augusto Caetano, Maurílio Oliveira, Fernando Coreixas de Moraes, Departamento de Vertebrados, Departamento de Invertebrados, Departamento de Antropologia, Projeto Ilhas do Rio – Instituto Mar Adentro



**PRIMEIRO ESPAÇO
IMERSIVO DO MÃR**

fuxp

**COORDENAÇÃO GERAL
E PROPOSIÇÃO DO ESPAÇO**
Eleonora Santa Rosa

DIREÇÃO CRIATIVA
Liana Brazil



Páginas (pages) 116-122
Vista da instalação Fluxo
(Flow installation view)

BIG BANG EM FLUXO CONTÍNUO

o espaço imersivo do mar, em sua primeira incursão, oferece ao visitante um percurso poético visual sonoro astral em viagem de sensibilidade, por meio de imagens em transcurso não linear, ativando os sentidos, transpondo fronteiras, religando o humano à natureza, aos seus mistérios, ao cosmos. energia pura desde o *big bang*, beleza de sutileza e delicadeza em espetáculo de recriação constante. não há começo não há fim, origem, destino, origem, circular movimento impulsionado por partículas de brilho estelar. pausa, surpresa, descoberta, mergulho, provocação. olhe para o céu e veja o pulsar de tudo. o mar convida o público a viajar pelo fluxo, uma instalação colaborativa sob a direção criativa de liana brasil.

ELEONORA SANTA ROSA

diretora executiva do mar

FLUXO é uma experiência imersiva que explora o movimento contínuo. Fluido, espontâneo, natural. Explora a mudança, a transformação, o ciclo. Os rastros no chão conectam o visitante a um núcleo de céus e águas, ao som da natureza e de ritmos de congas e maracás, criando dentro e fora, espaço interno e externo.

Fluxo é a energia infinita, que sempre esteve e está constantemente fluindo, se concentrando, se espalhando e tomando diferentes formas — no cosmos, em nós, e em tudo que produzimos. Fluxo é inspirado pelo Rio de Janeiro, onde a troca entre urbano e natureza é intensa. O fluxo de pessoas e o da natureza são faces complementares de uma mesma — múltipla, mas única — realidade.

LIANA BRAZIL

Diretora artística





FLUXO

**COORDENAÇÃO GERAL E
PROPOSIÇÃO DO ESPAÇO**
*GENERAL COORDINATION
AND SPACE PROPOSAL*
Eleonora Santa Rosa - MAR

PROJETO EXPOSITIVO
EXHIBITION PROJECT
SuperUber

DIREÇÃO CRIATIVA
CREATIVE DIRECTION
Liana Brazil

DIREÇÃO GERAL SUPERUBER
SUPERUBER GENERAL DIRECTION
Russ Rive

CONSULTORIA
CONSULTANCY
Anna Dantes
Anna Flávia Dias Salles

DIREÇÃO DE OPERAÇÕES
DIRECTION OF OPERATIONS
Fabiano Martins

DIREÇÃO DE TECNOLOGIA
TECHNOLOGY DIRECTION
Carlos Oliveira

PRODUÇÃO EXECUTIVA
EXECUTIVE PRODUCTION
Mariana Ferman

GERÊNCIA DE PROJETO
PROJECT MANAGEMENT
Ilana Markus

ANIMAÇÃO
ANIMATION
Rodrigo Borges

PRODUÇÃO DE CONTEÚDO
CONTENT PRODUCTION
Mauricio Borges

ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO
PRODUCTION ASSISTANCE
Rebeca Eler

ARQUITETURA
ARCHITECTURE
Jeanine Menezes

CONSTRUÇÃO | CENOTÉCNICA
CONSTRUCTION | SCENERY
Camuflagem

TRILHA SONORA ORIGINAL E SONOPLASTIA
*ORIGINAL SOUNDTRACK AND
SOUNDPROOFING*
Rodrigo Marsillac

MÚSICA
MUSIC
Noan Moreira

ILUMINAÇÃO E ELÉTRICA
LIGHTING AND ELECTRICS
Belight | Samuel Betts

DESIGN
DESIGN
Daniela Tinoco

PRODUÇÃO GRÁFICA
GRAPHIC PRODUCTION
Sidnei Balbino

SOFTWARE
SOFTWARE
Ricardo Athayde
Gustavo Gomes da Silva

GERÊNCIA DE T.I
I.T. MANAGEMENT
Pedro Laxe

MIXAGEM
MIXING
Bernardo Adeodato

AGRADECIMENTO ESPECIAL
SPECIAL THANKS TO
Francisco Carlos Texeira da Silva

BEFORE, THE SKY!

Since the most distant ages, in all cultures and civilizations, the stars of the sky, with their surprising and delicate transformations as far as the passing of cosmic time, are the greatest instrument of knowledge of the space where humans live and move. There is no correct and full perception of the great movements on the surface of the Earth without astronomic reference. There would have been no historical navigation across the seas without the knowledge of the stars, without the circular vision of the sky mapped by the infallible location of the stars. Without the complex and sophisticated knowledge of the sky, paths would not be drawn in a world made only of water and horizon. From this we can conclude that, truly, what Europeans discovered in the era of the navigations were not lands and continents, but a new sky, one punctuated by the Southern Cross, the one that covers and reveals another, a new world, that was then invaded and subdued.

Repeating that most ancient saying, the one taken by the poet in Portuguese:

Navigating is extreme precision, living is not.

A Rio de Janeiro that was always destined to be a portal to Brazil is revealed to us by the Rio of Navigators exhibition. Brazilian-ness and carioca-ness emerge from a deep dive into the Guanabara Bay of secular and structuring stories that MAR provides us with, into a city that is synonymous with Brazil.

The port of arrival for immigrants and enslaved people. The territory of conflict with indigenous peoples. The port of departure for a rich and complex culture, which even today seeks to assimilate and understand the many flows and influences, contrasts and encounters of peoples, beliefs and ways of living.

The exhibition brings together works of art, historical objects, documents and photographs to celebrate History, but also to give value to memory and provoke reflections. The Rio City Hall invites everyone to embark on this unique and exciting journey, offered by the Museu de Arte do Rio to all its visitors, starting from now

MUNICIPAL SECRETARY OF CULTURE OF
RIO DE JANEIRO

LOVE AND RIO

Now, we inaugurate our third journey, our third blown kiss, our third love letter and our third exhibition of reasons to call Rio de Janeiro beautiful, marvellous and beloved.

And this all came from MAR's love for its incandescent and, paradoxically, quiet beach.

First came The Rio of Images. Back in 2013, when MAR renovated the quay area and showed that our history is that of a Guanabara that has continued to be invented and that shows itself, as a bay, always strategically capable of favouring the formation of a beautiful city.

Then it was The Rio of Samba. Recently, in 2018, when the sounds of drums, guitars and wind instruments from every direction came to explain how life forged in the sound and the swing of the people could give substance to a trepidantly marvellous city.

Now it is The Rio of the Navigators, in which every live continues to be told and described.

So that, not far from here, in the pulsating surroundings of this bay, of this place, and in its tireless periphery, the history of Rio de Janeiro – the port and gateway of Brazil – becomes a point where many people cross and meet, the place of armed and soulless conflicts or harmonious and sweet configurations of infinite mythologies ... So that we can all sing and dance in honour of the diversity and tolerance of a city that is only sustained for the reason of love.

With you, the circle is closed: IMAGES, SAMBA, NAVIGATORS. The trilogy of passion and respect that ODEON dedicates to MAR and to Rio de Janeiro.

Thank you!

CARLOS GRADIM
CEO of Instituto Odeon

NAVIGATING IS NECESSARY

It is with great joy that the Museu de Arte do Rio presents its new exhibition. Bringing together vast amounts of material, the fruit of extensive research developed by a team of devoted professionals, covering the most diverse of areas, *The Rio of Navigators*

covers an extended arc across more than five centuries, with works from the most diverse factures and approaches, and unveils a Rio de Janeiro that is in many ways unknown.

This breathtaking panorama, articulated by ten themed nuclei, relied on the critical eye and advisory wisdom of the historian and professor Francisco Teixeira, who with patience, good humour and intense doses of generosity, provoked and marked out the historical sections of the exhibition.

Rio as a port/doorway to many, to innumerable places within and the outside world. The generous city of Rio, with a disquieting history in constant ebullition, of discoveries, re-readings, of vast uplifting production, of dazzling images and laudatory literature, but not only this. The Rio that excites an incessant and impressive production of studies, essays and research that reveals, through many voices and views, the body, soul, wounds, tragedies and peculiarities of this myth-city that enchants and disenchant by its intricate conformations of coexistence, exclusion and violence.

But RIO, the river, umbilically linked to the sea, is our patrimony, it is the cultural landscape of the world, it is an open book, where there is much to be written, an endless story similar to the poetic galaxy of Haroldo de Campos:

“The sea is like the opening of an open book and this opening the sea reverses and the sea converts because the sea is the sea that beats its cream of foam if I tell you that the sea begins you will say that it ceases if I tell you that it advances you will say that it tires if I tell you that it speaks you will say that it is quiet and everything will be the sea and nothing will be the sea “.

MAR, which carries its host city within its name, the main reason for its existence, welcomes navigators from every port, culture, belief and formation, wishing that more and more visitors are here, contribute to and enjoy the patrimony that belongs to society, and the people of Rio.

Welcome everybody!

ELEONORA SANTA ROSA
Executive Director of MAR

COMMISSIONED ARTISTS

KATIA MACIEL

Katia Maciel is interested in relating images and devices of access to distinct landscapes, seas, forests and cities. In “Breakwater”, the artist creates a kind of observation game in which the same scene, a wave breaking on the beach, is repeated on ten TV monitors. As a result, time is divided and creates a frame-by-frame effect, like the precursory research on film and photographic movement that was carried out by Eadweard Muybridge.

ROMANO

The work “*Fui*” (I went) occupies the entrance ramp of the exhibition. The monosyllable elongated by the voice creates a sound that we can only distinguish at the end, in the diphthong, and it resembles the sound of a ship's chimney. For the exhibition, Romano captured sounds from the port, creating relationships between inside and outside by bringing the audio landscape from outside into the museum, creating a destabilising and inviting environment for the visitors.

CARLOS ADRIANO

In the movie “*Murmur*”, Carlos Adriano creates a collage of historical images in which the people of Rio de Janeiro from the early 20th century observe the stormy sea hitting the walls of the port. The movement of people deconstructs the scene and attracts us both by travelling back in time, with images aged in sepia, and by the force of the sea that advanced over the city. Murmur, therefore, is created by imagination, with the scenes ending with verse from Paulinho da Viola, “I am not the one who navigates me, the one who navigates me is the sea.”

SUPERUBER

The indigenous language has become fragmented in Brazil by all kinds of genocides. In “Untitled,” the company Superuber highlights commonplace and everyday words from the streets, neighbourhoods and environments of Rio de Janeiro, whose origins date back to Tupi. Maracanã, Ipanema and Carioca are constructed in a technological projection in which their meanings surprise us and create other different meanings.

ALINE MOTTA

With images captured in Lagos (Nigeria), Cachoeira (Bahia) and Rio de Janeiro, Aline Motta builds a narrative in search of her roots, making us believe that cultural and racial identity is a contested element. In the video “Other Foundations,” personal perspectives are intertwined with collective memories, both crossed by a common past – slavery.

REGINA DE PAULA AND WILTON MONTENEGRO

The situation of indigenous groups in the urban context is becoming increasingly urgent. In the movie “José/Urutau/Guajajara”, Regina de Paula and Wilton Montenegro live alongside groups from the Aldeia Maracanã, an occupation in the area where the former Indian Museum was located and which is threatened with removal. In José Guajajara’s account, we are informed of the seriousness of the tension that is imposed in a place visible in the surroundings of the Maracanã stadium and coveted by a hygienist public power.

REGINA DE PAULA

In the film “*Teko Haw-Brasil*”, we see a performance in which the map of Brazil is drawn on the asphalt around the building known as the Former Indian Museum, where the Aldeia Maracanã village is located. The asphalt is gradually removed until only an earthen floor remains, on which a ritual begins.

PEDRO DAVID

In works such as “*Coroa austral*” (Southern Crown), “*Cruzeiro do Sul*” (The Southern Cross), and “*Triangulo austral*” (The Southern Triangle), Pedro David photographs constellations. The image presented creates a certain cosmic sense, in which the depth of field is carried out in planarities. However, the artist reinforces the stellar designs with sharp needles and threads raised from the image. We then realize that we are dealing with infinity. Stars that have been named by native people and by Europeans take on almost figurative drawings. Drawings that led the invaders to the New World.

THE RIO OF NAVIGATORS

There are many names that can be used to describe a person travelling displaced between countries and continents: traveller, immigrant, tourist, refugee, navigator... Each one of these

names has a distinct meaning for their presence, a meaning that can change not only through historical times, but according to the position of the person that it names and their social, economic or political place.

Reflecting on the mobility of different peoples and the occupation of different places is, today, to look into structures, vicissitudes and hardships of a world where crossing borders becomes utopian and political fact, often selectively prohibited.

Considered a portal and sounding board for Brazil, the port-city of Rio de Janeiro, ever since its creation after the invasion of Guanabara Bay by the Portuguese, has witnessed and been constituted by immigrations or migrations, either forced or voluntary, invasions and confrontations that once traced and now trace singular designs in the construction of its physical and human landscape. Enslaved peoples, forced to remain here, or peoples who sought new opportunities for life, all workers submitted to the historical and political processes of this locus, became the fundamental subjects of the conflicts, tragedies and marvels of the construction of Brazilian identity.

The Rio of Navigators, constituted as a poetic-historical narrative exposed to crossings and transversalities of different voices and times that pass and cross each other, tells and reveals, through a large number of historical and contemporary works, paintings, sculptures, photographs, objects and documents, part of a history collected in remains and pieces. Like any attempt to extend an arc of time which covers six centuries, including the first two decades of the 21st century, the failures and lack of information and iconography make of the exhibition a composition in DIY.

The Museu de Arte do Rio, in its readings of the history of the city, aims to deepen its project of asserting itself as an observatory of the influxes of information about the territory, as well as opening itself up as a space for expression for those who construct the material and immaterial patrimony of Brazilian art and culture.

This exhibition is the result of great effort and dedication by several teams that have worked

to construct a trans-historical reading of works and documents, so we can reflect on the ways of life that formed the city and continue to challenge the interpenetration between established citizens and visitors, forms of use and the democratization of public space, urbanization and topographical occupation by property owners or by self-proclaimed builders. It should be noted that there is no territory without dispute, and the conflicts, as well as being geographic, are also linguistic, cultural, economic and political. In all of this, is the search and will to anchor in ports of diversity, allowing us to find out about a history constituted by exchanges between every continent, forming a place that still seeks to become another: one that belongs to all of those who inhabit it.

EVANDRO SALLES, FERNANDA TERRA
MARCELO CAMPOS, POLLYANA QUINTELLA

VISIONS OF NATURE

The natural world and the invented world intertwine in art and science. From cataloguing and fascination, pragmatism and fantasy, imitation and invention universes have been modelled since ancient times. Images reveal ways to see, ways to be and mentalities.

We are now invited to coexist with images from diverse times and spaces, seeking to find the gazes that used them to recreate the nature of the Americas. Archaeological finds, boards and collections by naturalists and scientists from other centuries or works by contemporary artists mirror the way that so many saw and see things, the beings, the natural threads of our new old world.

MARVELLING

The forest, the landscape and the bountiful and rugged nature created a mixture of attraction and fear in the Europeans. Images that linked the invaded lands to the biblical myth of the Garden of Eden were common. Others evoked a gloomy and mysterious atmosphere.

SCIENCE AND CATALOGUING: COLLECTING THE WORLD

Isolating, dissecting and classifying the natural elements was a form of taking ownership of the New World. A world that was not so

new, that had complex mythical and historical systems of thought, involving observation of the sky, navigations and the representation of nature. Scientists, naturalists and European cartographers came to scan the exotic lands and often surrendered to invention. Many artists now appropriate the language of these naturalists to question the supposed neutrality of Western scientific methods and to deal with contemporary dilemmas.

MARIA GRAHAM (1785-1842)

The Englishwoman Maria Dundas studied literature, art, philosophy and natural history. As the daughter and wife of British Navy officers, she travelled all over the world. She came to Brazil for the first time in 1821 and in 1823 lived in Rio de Janeiro, on Glória Hill. During this time she was a collector of *Flora Brasiliensis* for Martius. She performed herbalism and botanical works in Pernambuco, Bahia and Rio de Janeiro, and in 1824 published in Britain two books about Brazil: *Journal of a Residence in Chili during the year 1822*, and a *Voyage to Brazil in 1823* and *Journal of a Voyage to Brazil and Residence there during Part of the Years 1821, 1822 and 1823*.

ORIGINAL CULTURES

BEFORE THE WHITE MAN, AFTER THE WHITE MAN: B.W., A.W.

Mayrawuê Kayabi, of the indigenous Kayabi people who were expelled from Mato Grosso around 1950, when their territory was divided into parcels of land given to farmers, proposed the division of history into “before and after the white man”.

B.W. - The Tupi-Guarani occupied sparse locations of the Western Americas. From the regions of the Missions and Rio de la Plata (Paraguay) to the Northeast of South America, there are archaeological remains of thousands of years of these peoples who dispersed to the East and South of the Amazon probably around 2,500 years ago.

In Guanabara Bay the Tupis most likely expelled or absorbed previous populations. In 1500, thousands of Tupinambás, divided into groups like the Tamoios, Temiminós and Tupinikims, lived in the Rio de Janeiro that one day was spotted by the caravels.

A.W. - In 200 years the Tupinambás were extinct.

Extinct? The declaration of the extinction of indigenous peoples in Guanabara Bay has helped to justify the expropriation of their territories. But the Puris and the Guaranis remain alive and active in disputes over land settlements in Rio de Janeiro. The Aldeia Maracanã, an urban occupation of the former building of the Museu do Índio, next to the football stadium, brings together Fulni-ô, Guajajara, Pataxó, Apurinã, Tukano and Xavante peoples, and others, to revendicate the recognition that they are indians, the principle from which their other rights can then be defended. Indigenous leaderships have conquered important spaces in Brazilian political life.

ANTROPOFAGIA

As old as mankind itself, cannibalism was practiced by prehistoric men throughout Europe. Anthropophagy can be posthumous, of loved ones, or warlike-sociological, of a ritual type. Ceremonies of both kinds were performed by the Tupinambá people in Guanabara Bay at the time of the arrival of the Europeans. The term “cannibal” was used to label them as sacrilegious, savages and even inhuman, justifying every kind of atrocity against them, from catechism to enslavement.

In 1928, in the decade of the explosion of modernism in Brazil, writer and playwright Oswald de Andrade reclaimed the term in his Anthropophagic Manifesto to designate the cultural assimilation-incorporation-devouring of the European-other as a way of overcoming the Eurocentric measure, and affirm a tropical art and culture. Since then, anthropophagy has become a recurring concept in Brazilian thought and art.

JOSÉ URUTAU GUAJAJARA, ZÉ GUAJAJARA (1961) This leader of the movement for indigenous rights in the city of Rio de Janeiro was born in the Lagoa Comprida village, of the Guajajara ethnic group, in Maranhão. A pedagogue and master in linguistics, he is a university professor on Tupi-Guarani language and culture and works as a researcher at the Museu Nacional. In 2006 he took part in a group of indigenous people from a variety of ethnicities who founded the Maracanã Village in the abandoned building of the former Museu do Índio, next to Maracanã

stadium, and has been one of the greatest activists in resisting the multiple threats of eviction and removal facing the space.

THE NAVIGATIONS

At the time of the first oceanic crossings, the Portuguese were experts in the most advanced nautical sciences of the time and were engaged in the improvement of measurement methods, orientation and armoury technologies. Along with a wide range of knowledge, such as mathematics, cartography and others, even tales of tragic events were considered for the definition of nautical procedures.

Crossing the seas was dangerous, but promising: on the other side they expected markets, lands, honours, power and fabulous riches. The observations of the navigators Amerigo Vespucci, Pedro Álvares Cabral and Nicolau Coelho propagated disturbing ideas that the lands approached to the west belonged to an unknown part of the world, a new world.

ALLEGORIES OF THE NEW WORLD

In visual arts and literature, especially in the 16th and 17th centuries, allegories were used to express abstract ideas (wisdom, time, fortune, fame, love, death, nation, people), feelings, values (justice, chastity), states of mind (revolutionary fervour, melancholy, collective exaltation), historical passages. Already in the early days that followed the invasion of Brazil, the conquered lands, with their riches, people and nature dominated, were personified in allegorical figures that were generally feminine and indigenous.

ARMILLARY SPHERE AND EARTHWORKS

The model of the cosmos, the armillary sphere was an important astronomical and navigational instrument through unknown seas, and became the symbol of the period of the Portuguese invasions. Its shape reveals that the theory that the Earth was flat were already outdated at that time.

D. Manuel I, then the king of Portugal, incorporated the figure into his personal flag. Present in the standard of ships that followed the route between the metropole and the South Atlantic, the armillary sphere became a striking element in the Brazilian flag.

FIGHTS AND BATTLES

Between the first footsteps of the Portuguese in Guanabara Bay, on the expedition of Gaspar de Lemos in 1502, and the expulsion of the French who founded their France Antarctic, more than six decades went by. The Portuguese settlement was still small, which left the bay exposed to the interests of other nations, like France.

Known as Henryville or São Sebastião do Rio de Janeiro, the city of Rio was founded for strictly military reasons. In the struggle for the occupation and defence of the territory, the indigenous peoples were allied with the Portuguese (the Temiminós) or the French (the Tamoios). Victorious, the Portuguese donated sesmarias to the Temiminó indians, in a strategic area for defence, a place where the city of Niterói was founded.

FRANCE ANTARCTICA (1555-1567)

Indifferent to the Treaty of Tordesilhas (1494), which divided already invaded lands and lands that were still to be invaded between Portugal and Spain, the French prospected Brazil wood on the Carioca coast even before the arrival of the Portuguese. The colonial enterprise called France Antarctica, therefore, was a strategy to expand the “commercial relations” already forged with the Tamoio indians, who inhabited the region and were hostile to the Portuguese.

On 10 November 1555, a French fleet led by the diplomat and naval officer Nicolas Durand de Villegagnon arrived in Guanabara Bay, and shortly after the French founded the city of Henryville.

FRENCH CORSAIRS

In 1710 Captain Jean-François Duclerc attacked Guanabara Bay, from where he would siphon off the gold that had been recently discovered in the interior of the colony. The attack was unsuccessful: about 400 of the French were killed and another 700 captured.

In 1711, as revenge, René Duguay-Trouin led a new attack on the bay and managed to dominate and plunder the city. Trouin took all of the gold he could as bounty, 200 thousand cruzados, 500 boxes of sugar and animals to sustain the troops. The corsair also managed to liberate French prisoners.

SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO

Military officer Estácio de Sá was assigned to retake the region for the Portuguese. Before disembarking in Rio, Sá went through Espírito Santo to regiment the Temiminó indians there. Led by Chief Arariboia, the Temiminós allied themselves with the Portuguese army and expelled the French in 1560; in exchange, they received from Mem de Sá’s government strategic lands for defending the bay, in the region that is now Niterói.

Estácio de Sá demarcated a flat piece of land between the hills of Cara de Cão and the Sugar Loaf, on which he founded, on March 1, 1565, the city of São Sebastião do Rio de Janeiro. The area served as the base for his military strategy against the French, defeated and expelled in the Battle of Uruçu-Mirim in 1567, when Sá was wounded by a poisoned arrow and died weeks later.

ARARIBOIA (? - 1589)

Chief of the Temininó nation, originally resident in Paranapuam, modern day Ilha do Governador. In 1555 the Temininós were expelled to Espírito Santo by the Tamoios and their French allies, but in 1560 Arariboia returned with eight thousand canoe-warriors to fight them alongside Estacio de Sá. As payment, he received from the Portuguese Crown the land where he founded the village of São Lourenço dos Índios, the origin of modern-day Niterói. Victim of Portuguese prejudice, he retreated to his lands; and died in an epidemic, possibly of smallpox. In 1965, in Arariboia Square, in Niterói, a full-body statue was inaugurated, with his eyes facing towards Guanabara Bay, in a posture of guardianship and vigilance over the waters.

CUNHAMBEBE (? - 1555)

The greatest leader during the confederation that organised the battle of the 70 thousand Tamoios against the Portuguese along the São Paulo and Rio de Janeiro coast. There may have been two Cunhambebes, both father and son. The Tupinambás of Rio de Janeiro, called Tamoios, were decimated after the signing, in 1563, of the Peace Armistice of Yperoig with the Portuguese. Gradually the remainders gave rise to the Caïçara populations on the coast of São Paulo, but they disappeared completely in Rio de Janeiro. Chief Cunhambebe senior, leader of the revolt, died in 1555 during an epidemic, possibly of smallpox.

THE NATURE OF GUANABARA BAY

The natural setting of Guanabara Bay, despite the occupations that have affected the region since the arrival of the Europeans, impels us to imagine what the formidable arrangement of rocks, lagoons, water courses, beaches, sandbanks, mangroves, mountains and forests must have looked like before the colonising process. The views over Guanabara Bay precede by thousands of years those recorded in pen and papyrus, paper, screen and film, photos and phonograms, bytes and other media. But we are left with these images and counterimages, our mirrors.

THE ICONS OF THE LANDSCAPE: THE BAY, THE SUGAR LOAF AND PEDRA DA GÁVEA

Guanabara Bay is formed as a natural harbour. Two large rock formations were points of reference for navigators approaching the coast: the Sugar Loaf, named after the resemblance to the sugar clods that were formed in the mills, and the Pedra da Gávea, a name inspired by its shape that was similar to a crow's nest which, situated at the highest point of a ship's mast, enabled better observation of the surroundings.

RIO: PORT-CITY UNDER CONSTRUCTION

The 18th century: the old town of São Sebastião do Rio de Janeiro, whose port structure was geared towards the sugar economy and the by-products of whaling, becomes a transcontinental trade centre driven by gold and the consequent increase in standards of consumption. The port of the flow of goods is also the entry point for subversive ideas, such as “abominable French ideas” and the North-American Constitution.

The 19th Century: the old Rio-Lisbon axis loses its exclusivity, because with the installation of the Portuguese court in Rio in 1808, Brazilian ports are opened to friendly nations. At this moment in which the activities of the slave trade intensify, the port of Rio de Janeiro is reconfigured with the imperial mark. Ironically, the Valongo Quay, to which the landing of slave ships was transferred in 1811, is reformed and inaugurated in 1843 as the Imperatriz Quay, in honour of the wife of King Pedro II.

THE CITY AND ITS WATERS: ROADS, SQUARES, BRIDGES, AQUEDUCTS AND FOUNTAINS

The city grew by refraining and redirecting its waters. Swamps, marshes and lagoons were drained and filled in for the construction of roads and buildings, all using slave labour; ditches for drainage and rain water were opened; adduction works, such as the Carioca Aqueduct, now the Lapa Arches, guaranteed a water supply, allowing the expansion of the urban fabric. A number of fountains, such as those in Carioca, Lagarto, Marrecas, Pirâmide and Saracuras, served as watering holes for ships arriving at the quays and for use by the population.

WORK AND SLAVERY

The Portuguese occupation in Rio (and the rest of Brazil) depended on the exploitation of indigenous labour throughout the colonial period. Despite religious restrictions, it was permitted to enslave indigenous people in the case of capture (prisoners of war) and just war (insubordination).

Following the perverse economic colonial logic of achieving maximum profit with a minimum investment, the high rates of indigenous mortality may have been a fundamental cause for the increase in the black slave trade, as there was no longer sufficient indigenous numbers to supply the productive needs of the colonizing project. In the 19th century, Rio became the largest Western centre for the importation and redistribution of enslaved Africans.

THE OPENING OF THE PORTS

The opening of the ports to friendly nations meant the end of Metropolitan Commercial Exclusion, by which all products leaving Brazil needed to be re-exported from Portugal. By paying customs fees, merchants could now sell directly to authorized countries. With the arrival of the Portuguese court, the number of slave traders jumped from 20 boats a year to 50 (in 1811, when the Valongo quays were built) and then up to 120 (1830).

BLACK ATLANTIC, RED OCEAN

The African Diaspora scattered across the Americas is not just limited to ethnic or local boundaries, but constitutes a transnational

network of cultural flows, exchanges and resistances. Forged from the violence that relegated Africans from so many nations to the status of merchandise, the culture that since the first slave ships crossed this ocean of blood has been avenged on the American continent. Here, it marked ethnic-social conformations and generated new cultural ties. Now established, the concept of the Black Atlantic allows us to assimilate, in historiography, the relevance of the African continent in the cultural configuration of the Western Atlantic.

THE VALONGO QUAYS, HISTORY AND RESISTANCE

The Valongo Quays and their surroundings formed the largest complex of slave commercialization in the Americas. Between 1811 and 1831, about one million Africans landed there, who, after a period of quarantine, were sold on the slave market further up. The bodies of those who died near the coast were deposited in the Pretos Novos Cemetery, also near the quays.

These atrocities did not go unanswered. Valongo shows the history of the resistance of black people, the Quilombo of Pedra do Sal, the candomblé terreiros, the struggle of the port workers, the streets and corners where famous capoeiristas and sambistas circulated.

Discovered in 2011 during construction works in the region, the Valongo Quay was listed by UNESCO as a world heritage site in 2017. The Pretos Novos Cemetery is a site for memory and research about this sad history.

PROCESSIONS AND SEA CULTS

African cultures found ways to recover on this side of the Atlantic side by associating themselves with aspects of the official religion, Catholicism, through celebrations and denominations of saints according to their hierarchy and calendar.

In Rio, a procession and maritime celebrations commemorate Iemanjá, the orisha of the sea, running parallel to those for Our Lady of the Navigators. On December 29th, a procession from the Mercado of Madureira, in the North Zone of the city, leaves in the direction of the sea in Copacabana, in the South Zone, where the faithful leave their gifts for Iemanjá. And at the turn of the year, representatives from

several candomblé and umbanda terreiros bring offerings to the Lady of the Sea, accompanied by millions of people who, believers or not, pray for better days to come.

UPRISINGS, INSURRECTIONS, REVOLUTIONARY GESTURES

Rio de Janeiro, although later than other parts of Brazil, was the scene of eloquent demonstrations that made public the violence of the anti-slavery system.

Names to not forget: Manoel Congo and Mariana Crioula, sugarmill slaves who staged an uprising in 1838; Francisco José do Nascimento, the Dragon of the Sea, who was applauded in the capital for having intercepted the interprovincial slave trade in the north in 1881; João Cândido, the Black Admiral, leader of the sailors who, full of ill-treatment and terrible conditions of work in the Navy, in 1910, threatened to bomb Guanabara Bay; Don Obá, a black nobleman and capoeirista, who dared to walk free in Rio of slavery times.

THE ARMADA UPRISING

This rebellion of officers from the Brazilian Navy took place in two stages. The first, in 1891, lasted until the resignation of the country's first President, Marshal Deodoro da Fonseca, who surrendered under the threat of the bombing of the city of Rio by Officers. The second stage, between 1892 and 1894, gained support from the oligarchies that turned against the vice-president, Marshal Floriano Peixoto, that considered it unconstitutional, along with several measures that he took, such as the deposition of all state Governors and the admission of civilians into power.

Among the objectives of the Armada Uprising was wage equality between the Navy and the Army. Supporters of the monarchy, deposed in 1889, Navy officials felt discredited and ironically called the government “the Republic of the Sword”.

THE CHIBATA UPRISING

Slavery had been abolished in 1888. But corporal punishment remained the order of the day in the Republic Navy, where most of the men on board were black. In 1910, tired of the scourging and the terrible conditions in which they worked, hundreds of sailors took command of two battleships, the Minas Gerais and the São Paulo,

and threatened to use their great military might to bomb the capital of the Republic.

The government negotiated and waved an amnesty that was not fulfilled, as many rebels were punished and fired. After another uprising weeks later, unrelated to the first, sailors who participated in the riot of the battleships (among them João Cândido) were arrested or sent to forced labour in the rubber plantations in the North.

JOÃO CÂNDIDO FELISBERTO (1880-1969)

This Gaucho son of former slaves arrived in Rio de Janeiro in 1895 to join the Brazilian Navy, where he achieved an excellent reputation and great traffic between officers and sailors. In 1910, when he led the Chibata Uprising, he received the nickname of the Black Admiral.

In the insurrection against the violent punishments that were still being imposed on sailors, almost all of who were black, he was accused of treason and imprisoned by the federal government. Interned for madness in 1911, he was released the following year. In 1933 he was invited by Plínio Salgado to lead a nucleus in the Brazilian Integralist Action. When he died, aged 89, he was still being persecuted by the Navy.

CULTURE OF THE PORT

More than just the setting for the arrival of the Portuguese Royal Family or starting point for the colonization and origin of the Empire in Brazil, the port of Rio de Janeiro was the point of arrival for one of the most important cultural and ethnic heritages of Brazil, enslaved black people, who took their first steps in the then new reign.

Ever since, the port area has been associated with a population whose exploitation was encouraged and economically necessary, but whose presence was feared and unwanted. Therefore, successive governments have sought to erase the association between this important commercial area and that which is considered undesirable and dangerous: its human composition, its cultural traits and the social disputes that occur here.

The economic pressure on this population has been an inseparable part of the contradictions and dilemmas that the projects redefining the forms of use of these areas bring with it.

WORKING AT THE PORT: STEVEDORES AND FISHERMEN

The informal workforce that lined the port area at the turn of the 20th century was mostly made up of black men, in search of work. Those who were salaried, on the other hand, came together in the Stevedoring Union, joined the 1903 general strike and founded a broader and still very active trade union movement.

The first Brazilian fishing colony was established in Guanabara Bay in the colonial period, when Portuguese settled in the Caju area and, together with the Spanish, introduced Iberian fishing techniques. The modernisation of fishing in the 1930s did not completely eliminate these artisanal techniques that still mark the fishing universe of the region today. In the last few decades the fishermen have organized themselves in order to resist the gradual expulsion to which they are being subjected.

FAIRS, MARKETS, WAREHOUSES

In the port trade, people and goods were shipped from and landed at structures like warehouses, the sets of yards and wooden walkways that advanced into the sea. In the port region circulated stevedores, sailors, criers, porters, boatmen, prostitutes, fishermen, dockers, baianas and gypsies. Praia do Peixe, an embryo of Rua do Mercado, in the vicinity of Praça XV, was the large and permanent market where everything could be found: fresh and salted fish, vegetables, fruit, poultry and even animals such as monkeys, caimans and others.

THE RIO OF IMMIGRANTS, THE RIO OF TRAVELLERS

The cosmopolitanism that belongs to port cities is part of Rio in the manner of the many peoples who have settled here, coming mainly from different regions of Europe, Africa and Asia, but also from other parts of Brazil.

Human displacements, their intentions and impasses have formed different bonds here and, although not always formed in a peaceful way, they exert mutual influences in the formation of hybrid cultures and vocabulary, alimentary, genetic and existential mixtures.

SAARA - SOCIETY OF FRIENDS OF THE ADJACENCIES OF RUA DA ALFÂNDEGA

Located in the historical centre of Rio de Janeiro, Saara is formed by 11 streets surrounding Rua da Alfândega and unites around 1,250 stores focusing on popular trade.

The region was originally occupied at the end of the 19th century, mainly by Syrian and Lebanese Maronites, Armenians, Orthodox Christians and Catholics and Sephardic Jews from the Middle East who conferred on this part of the city the image of the Arab market, a stronghold of “Turks”. Many of these immigrants began their careers as peddlers and nowadays, as shopkeepers, their descendants keep alive the tradition of the trade they began.

In the last few decades SAARA has also been occupied by Asian traders.

GABRIEL HABIB arrived at the port dock in Praça XV aged 19 to join his three brothers. He fled Ottoman rule in Lebanon, before World War One. He was the greatest encourager of the then embryonic neighbourhood of Areal, nowadays Coelho Neto, where he bought a lot of land and built shops and industries and public infrastructure. In 1918, he inaugurated GABRIEL HABIB then GABRIEL HABIB E FILHOS, the largest toy store in SAARA, in Rua da Alfândega 297-301. It was a pioneer in the retail trade in the region, which had previously only dealt with wholesale.

The son of GABRIEL HABIB, Demétrio CHARL HABIB, now aged 92, began his career as a travelling salesman when he was 14, taking furniture samples and helping at his father's shop; he was 18 when his father died, and then took over the business. He was the founder of SAARA, an entity that in 1962 he founded with friends to organise the trade, security and cleanliness of the region

USES OF THE WATERS

The port city becomes a seaside destination. Beaches bring people together around playful, religious and domestic activities. If the shores of the South Zone export the image of a glamorous touristic Rio, the beaches of the suburbs coin its popular brand. The myth that the beach is a democratic place par excellence is confronted by the evidence of social tensions in public spaces. The famous idyllic bay mirrors the problems and conflicts of an increasingly unequal city.

TOURISTIC RIO

In the 19th century, it was the city most photographed after Paris. Today, the Cidade Maravilhosa [The Marvellous City] or Cidade Partida [The Divided City], the two forms used to refer to Rio as a tourist destination blessed by natural beauty and also as a place of violence and disorder, associated with favelas. But these seemingly separate spaces, the hills and the asphalt, are lined by people, by culture and even by the tourism that consumes the side that is considered picturesque, from everyday life in the so-called informal city.

On the beaches, streets and public parks, foreigners from inside and outside the country establish many forms of relationships with street vendors and traders, the most visible face of the low-income or floating population associated with tourism. And they can't fail to feel the permanent tension between the Marvellous City from the song by André Filho and the Purgatory of Chaos from the verses of Fernanda Abreu, Fausto Fawcett and Laufer.

WATER POLLUTION

The geological formation of Guanabara Bay dates back to 7,000 years ago. With an area of 4 thousand km², today the bay has 143 rivers and streams and 81.1 km² of mangroves. Within its biome live 76 species of birds and 245 species of fish; in the 1970s, there were 800 dolphins, now there are 38.

The fauna has been drastically reduced in continuous competition with the 8.5 million people living in the Guanabara watershed, whose waters receive 18,000 litres of untreated domestic sewage per second.

Caring for Guanabara Bay, cleaning it up and keeping it healthy is a matter of survival for the Carioca people.

FLOODS AND STORMY SEAS

As early as 1570, Father Anchieta reported heavy rains that flooded the city of Rio. In 1711, the French corsairs led by Duguay-Trouin plundered the city in the midst of a strong storm.

Countless accounts follow each other. The problem of the floods and high seas, however, cannot be attributed to the climate or inclement weather. The city of Rio was largely built on lagoons, floodplains, rivers, sea and marshes

that had been drained and filled in since the 18th century. The floods are like memories of these stray waters, a testimony that the disorderly expansion of the urban fabric and successive urban reforms took place without proper infrastructure for drainage and sewerage.

WASHERWOMEN

For a long time, the figure of the woman climbing up or down the hillside balancing a can of water on her head was part of the imaginary about life in Rio. Generations of women, mostly black and poor, supported their families by washing clothes in wells, springs, rivers and lakes. Those who lived at the top of the favelas gathered and carried, up the hill, the bundles of dirty clothing from the parish. Tired and relentless, they travelled long distances to get the water they had to buy. If they wanted to work near the springs, they paid even more. Then they would deliver the clothes, ironed and perfumed, to the houses of the middle class, on the asphalt below.

THE BEACHES OF THE SUBURBS

The beaches of the suburbs were cut off from the urban trajectory that, since Copacabana in the 1930s, valued the beachfront of the South Zone as a seaside resort. Beaches such as Caju, Ramos, Ilha do Governador and Sepetiba were relegated to being forgotten. But other forms of use and occupation have revitalized this part of the seafront, like in the case of the Piscinão de Ramos, an alternative form of leisure and coexistence in the face of the pollution problems that scared guests away from the old beaches in the North.

FLUXO

THE BIG BANG IN CONTINUOUS FLOW

the immersive space of mar, in its first foray, offers the visitor a poetic visual astral audio pathway in a journey of sensitivity, through non-linear images in passing, activating the senses, crossing borders, reconnecting the human with nature, with its mysteries, with the cosmos. pure energy since the time of the big bang, beauty of subtlety and delicacy in a show of constant recreation. there is no beginning there is no end, origin, destination, origin, circular movement driven by glowing stellar particles. pause, surprise, discover, dive, provoke. look to the sky and see everything pulsating. mar invites its public to travel through the flow, a collaborative installation under the creative direction of liana brasil.

ELEONORA SANTA ROSA
executive director of mar

FLOW is an immersive experience that explores continuous movement. Fluid, spontaneous, natural. It explores change, transformation and cycles. The particles flowing on the floor connect the visitor to a nucleus of skies and waters, to the sound of nature and rhythms of congas and maracas, creating inside and outside, an inner and outer space.

Flow is the infinite energy, which has always been and is constantly flowing, concentrating, spreading and taking on different forms - in the cosmos, in us, and in everything we produce. Flow is inspired by Rio de Janeiro, where the exchange between urban and nature is intense. The flow of people and nature are complementary sides of the same - multiple, but unique - reality.

LIANA BRAZIL
Artistic director

INSTITUTO ODEON

DIRETOR-
PRESIDENTE
*CHIEF EXECUTIVE
OFFICER*
Carlos Gradim

DIRETORA
EXECUTIVA
*EXECUTIVE
DIRECTOR*
Eleonora
Santa Rosa

DIRETOR CULTURAL
*CULTURAL
DIRECTOR*
Evandro Salles

DIRETOR DE
OPERAÇÕES
E FINANÇAS
*CHIEF FINANCIAL
OFFICER*
Jimmy Keller

CONSELHO MUNICIPAL DO MUSEU DE ARTE DO RIO - CONMAR

PRESIDENTE
PRESIDENT
Luiz Chrysostomo

CONSELHEIROS
COUNSELORS
André Luiz
Carvalho Marini
Geny Nissenbaum
Ronald Munk
Pedro Buarque
de Holanda
Hugo Barreto
Luiz Paulo
Montenegro
Paulo Niemeyer
Filho

CONSELHO ODEON

PRESIDENTE
PRESIDENT
Éder Sá Alves
Campos

CONSELHO DE
ADMINISTRAÇÃO
*MEMBER OF
THE BOARD OF
DIRECTORS*

Bruno Ramos
Pereira
Emília Andrade
Paiva
Flavio Alcoforado
Iran Almeida
Pordeus
Juliana Machado
Cardoso Matoso
Raul Felipe Borelli
Renato Beschizza

CONSELHO FISCAL
TAX ADVISER
Mônica Moreira
Esteves Bernardi

CATÁLOGO

ORGANIZAÇÃO
ORGANIZATION
Marcelo Campos

COORDENAÇÃO
EDITORIAL
*EDITORIAL
COORDINATION*
Rubia Mazzini

DESIGN GRÁFICO
GRAPHIC DESIGN
Pedro Brucznitski

REVISÃO DE TEXTO
TEXT REVISION
Irene Ernest Dias

ESTAGIÁRIAS
DE EDIÇÃO
EDITION INTERNS
Alice Corrêa,
Renata Sá

VERSÃO EM INGLÊS
ENGLISH VERSION
John Andrews

FOTOGRAFIA
PHOTOGRAPHY
Daniela Paoliello

TRATAMENTO
DE IMAGEM
IMAGE TREATMENT
Inês Coimbra

IMPRESSÃO
PRINTS
Stilgraf

R585

O Rio dos navegantes = The Rio of navigators / curadoria de Evandro Salles... [et. al] . - Rio de Janeiro: Instituto Odeon, 2019. 135 p.: il. color ; 8 mm.

Catálogo publicado em decorrência da exposição realizada no Museu de Arte do Rio no período de maio de 2019 a março de 2020. Texto em português e inglês.
ISBN 978-85-68880-13-5

1. História – Imigração – Brasil. 2. Navegação – História do Porto – Rio de Janeiro. 3. Arte Imersiva – Exposição. I. Terra, Fernanda. II. Campos, Marcelo. III. Quintella, Pollyana. IV. Museu de Arte do Rio. V. Instituto Odeon.

CDU 9-054.72+7 (815.3)
CDD 325.153

Bibliotecária: Karen Merlim – CRB-7 /7101

Livro composto na fonte GT PRESSURA e impresso pela gráfica Stilgraf sobre papel Offset 90 gramas (miolo) e Offset 240 gramas (capa). Setembro de 2019.

MUSEU DE ARTE DO RIO

Praça Mauá, 5 – Centro

20081-240

Rio de Janeiro, RJ

+ 55 (21) 3031 2741